

Tradução de Isabel C. Penteado



nora Roberts

O Sabor do
Momento



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Para o meu irmão Jim, o pasteleiro da família

Eu canto os regatos, os botões, pássaros e pégulas;
As flores de abril, maio, junho e julho.
Eu canto as romarias, os arraiais, os bacanaís,
Os noivos, as noivas e os bolos das suas bodas.

— ROBERT HERRICK

Espanta-me, em verdade, o que fizemos, tu e eu
Até nos amarmos?

— DONNE

(in *Poemas Eróticos de John Donne*, tradução de Helena Barbas)

PRÓLOGO



Enquanto o relógio fazia a contagem decrescente no último ano de Estudos na escola secundária, Laurel McBane aprendeu um facto incontestável.

O baile de finalistas era um inferno.

Durante semanas, todos só queriam falar de quem poderia convidar quem, quem tinha convidado quem — e quem convidara o quem de outrem, provocando deste modo infelicidade e histeria.

A seu ver, as raparigas sofriam uma angústia de suspense e uma passividade embaraçosa durante a época do baile de finalistas. Os corredores, as salas de aula e o pátio fervilhavam com emoção que ia desde a vertiginosa euforia por um rapaz qualquer as ter convidado para uma qualquer festa muito badalada, às lágrimas amargas por outro qualquer não o ter feito.

Todo o ciclo girava em torno de «um rapaz», uma condição que Laurel considerava tanto estúpida como desmoralizante.

E depois disso a histeria continuava, intensificava-se até, com a caça ao vestido e aos sapatos, o intenso debate sobre penteados apanhados *versus* penteados soltos. Limusinas, festas pós-baile, suites de hotel — o sim, não, talvez do sexo.

Ela teria ignorado isso tudo se as amigas, especialmente Parker «Direito-de-Passagem» Brown, não se tivessem unido contra si.

Naquele momento, a sua conta-poupança — todos aqueles dólares e cêntimos ganhos a custo de horas a servir às mesas — sofria um grande

choque com os levantamentos para um vestido que ela provavelmente nunca mais voltaria a vestir, os sapatos, a mala e tudo o resto.

Ela também podia agradecer tudo isso às amigas. Tinha-se deixado arrastar para as compras com Parker, Emmaline e Mackensie e acabado por gastar mais do que devia.

A ideia, delicadamente abordada por Emma, de pedir aos pais para lhe pagarem o vestido também não era, para Laurel, uma opção. Uma questão de orgulho, talvez, mas o dinheiro na família McBane tinha-se tornado um assunto muito delicado desde o fiasco relativo aos investimentos arriscados do pai e a pequena questão da auditoria do IRS.

Nem pensar que ela pediria isso a qualquer um dos dois. Ela ganhava o próprio dinheiro e já há alguns anos.

Disse para si mesma que não importava. Ainda lhe faltava bastante dinheiro para a propina do Instituto de Culinária, ou para as despesas de custo em Nova Iorque, apesar das horas que trabalhara no restaurante depois das aulas e nos fins de semana. O preço para estar linda numa noite não alterava em nada esse facto — e, que diabo, ela estava realmente linda.

Colocou os brincos enquanto, do outro lado do quarto — o quarto de Parker —, Parker e Emma experimentavam formas de arranjar o cabelo que Mac tinha escortinhado impulsivamente num ato que Laurel via como idêntico à travessia do Rubicão por Júlio César. Elas experimentaram diversos ganchos, brilhos e travessões com adornos no que restava do cabelo ruivo de Mac, enquanto tagarelavam as três sem parar e os Aerosmith beravam no leitor de CD.

Ela gostava de as ouvir assim, quando estava um pouco de parte. Talvez especialmente agora, que se sentia um pouco à parte. Tinham sido amigas a vida toda e agora — ritual de passagem, ou não — as coisas estavam a mudar. No outono, Parker e Emma seguiriam para a faculdade. Mac estaria a trabalhar e a fazer alguns cursos de fotografia.

E com o sonho do Instituto de Culinária caído por terra devido às finanças e à mais recente implosão matrimonial dos pais, ela iria ficar-se por dois anos de estudo em regime de part-time. Cursos profissionais, calculava ela. Tinha de ser prática. Realista.

E ela não ia pensar nisso agora. Mais valia desfrutar do momento e daquele ritual que Parker, do seu modo muito próprio, tinha arranjado.

Parker e Emma podiam ir ao baile de finalistas na Academia, enquanto ela e Mac iam ao seu na escola secundária pública, mas tinham aquele tempo juntas, enquanto se vestiam e aperaltavam. Lá em baixo, os pais de Parker e de Emma esperavam e seguir-se-iam dezenas de fotografias e «oh, olhem as nossas meninas!», abraços e provavelmente alguns olhos lacrimejantes.

A mãe de Mac estava demasiado preocupada consigo própria para se preocupar com o baile de finalistas da filha, o que, tendo em conta o temperamento de Linda, só podia ser uma coisa boa. E os pais de Laurel? Bem, também eles estavam embrenhados nas próprias vidas, nos próprios problemas, para se preocuparem em saber onde ela estava, ou o que faria naquela noite.

Já estava habituada. Tinha até passado a preferir assim.

— Só os brilhos de fada — decidiu Mac, inclinando a cabeça de um lado para o outro para avaliar. — É tipo Sininho. Mas num estilo fixe.

— Acho que tens razão. — Com o seu cabelo castanho completamente liso solto numa cascata reluzente sobre as costas, Parker anuiu com a cabeça. — É simples com um toque de audácia. O que achas, Em?

— Eu acho que precisamos de carregar mais um bocadinho os olhos, torná-los mais dramáticos. — Os olhos de Emma, um castanho profundo e sonhador, semicerraram em pensamento. — Eu posso fazer isso.

— Vai em frente. — Mac encolheu os ombros. — Mas não demores uma eternidade, ok? Ainda tenho de preparar as coisas para a fotografia de grupo.

— Estamos dentro do horário. — Parker olhou para o seu relógio. — Ainda nos resta trinta minutos antes de... — Virou-se e olhou para Laurel. — Eh. Estás fantástica!

— Oh, estás mesmo! — Emma bateu palmas. — Eu sabia que era esse o vestido. O cor-de-rosa brilhante torna os teus olhos ainda mais azuis.

— Acho que sim.

— Precisa de mais uma coisa. — Parker correu até ao seu toucador e abriu uma gaveta da caixa de joias. — Este gancho de cabelo.

Laurel, uma rapariga magra vestida de cor-de-rosa brilhante, o cabelo, aclarado pelo sol, todo arranjado — por insistência de Emma — em longos caracóis soltos, tipo saca-rolhas, encolheu os ombros. — Pode ser.

Parker encostou-o contra o cabelo de Laurel em diferentes ângulos. — Anima-te — ordenou ela. — Vais divertir-te.

Meu Deus, controla-te, Laurel! — Eu sei. Desculpa. Seria mais divertido se nós as quatro fôssemos ao mesmo baile, especialmente porque estamos todas verdadeiramente espetaculares.

— Pois era. — Parker decidiu puxar alguns dos saca-rolhas dos lados e prendê-los atrás. — Mas vamos encontrar-nos depois e divertir-nos. Quando acabarmos, voltamos para aqui para contarmos tudo umas às outras. Vá, dá uma olhadela.

Ela virou Laurel para o espelho e as raparigas examinaram-se a si próprias e entre si.

— Estou mesmo muito bem — disse Laurel, fazendo Parker rir-se.

Depois de uma batida bastante perfunctória na porta, esta abriu-se. A senhora Grady, a governanta de longa data da família Brown, colocou as mãos sobre as ancas e fez uma vistoria.

— Estão bem, — disse ela, — e só podiam estar, depois de tanto rebuliço. Acabem com isso e desçam para as fotografias. Você. — Apontou com um dedo a Laurel. — Preciso de conversar consigo, minha menina.

— O que fiz eu? — perguntou Laurel, olhando de uma amiga para a outra enquanto a senhora Grady se afastava a passos largos. — Não fiz nada. — Mas como a palavra da senhora G. era lei, Laurel seguiu-a rapidamente.

Na sala de estar, a senhora G. virou-se, de braços cruzados. *Modo de sermão*, pensou Laurel com o coração aos pulos. E começou a tentar lembrar-se de alguma transgressão que pudesse ter-lhe valido um sermão da mulher que tinha sido mais uma mãe para ela do que a sua própria durante toda a sua adolescência.

— Então, — começou a senhora Grady quando Laurel entrou apressadamente, — calculo que vocês achem que já são todas adultas.

— Eu...

— Bem, não são. Mas estão a chegar lá. Vocês as quatro andam por aqui sob a minha vigilância desde que usavam fraldas. Mas isso agora vai mudar, com cada uma a seguir o seu caminho. Pelo menos durante algum tempo. Um passarinho contou-me que o seu caminho é Nova Iorque e aquela ótima escola de cozinha.

O coração dela deu outro salto, depois sentiu a alfinetada de um sonho desfeito. — Não, eu, eh... vou manter o meu emprego no restaurante e vou tentar fazer alguns cursos na...

— Não, não vai. — Uma vez mais, a senhora G. apontou-lhe um dedo. — Agora, é melhor que uma menina da sua idade na cidade de Nova Iorque seja esperta e cuidadosa. E pelo que sei, se quer ter sucesso naquela escola, vai ter de trabalhar muito. É mais do que fazer glacês bonitos e bolachinhas.

— É uma das melhores, mas...

— Então vai ser uma das melhores. — A senhora G. enfiou a mão no bolso e estendeu um cheque a Laurel. — Isto vai dar para as despesas do primeiro semestre, para as propinas, para arranjar um lugar decente para morar e para comprar comida suficiente para manter corpo e alma saudáveis. Faça bom uso dele, menina, ou vai ter de se haver comigo. Se fizer o que eu calculo que é capaz, conversamos acerca do próximo período quando chegar a hora.

Estupefacta, Laurel olhou fixamente para o cheque na mão dela. — A senhora não pode... eu não posso...

— Eu posso e você também. Está decidido.

— Mas...

— Não acabei de dizer que está decidido? Se me desapontar, vai meter-se em sarilhos, garanto-lhe. A Parker e a Emma vão para a faculdade e a Mackensie está decidida a dedicar-se a tempo inteiro à fotografia. A Laurel tem um caminho diferente, por isso vai segui-lo. É o que quer, não é?

— Mais do que qualquer outra coisa. — As lágrimas ardiam-lhe nos olhos e na garganta. — Senhora G., não sei o que dizer. Vou recompensá-la. Vou...

— Pode ter a certeza que sim. Vai recompensar-me, tornando-se alguém na vida. Agora cabe-lhe a si.

Laurel lançou os braços ao redor da senhora Grady e apertou-a. — Não se vai arrepender. Vou fazê-la sentir orgulho de mim.

— Acredito que sim. Bem, agora vá acabar de se arranjar.

Laurel manteve-se abraçada mais um momento. — Nunca esquecerei isto — sussurrou. — Nunca. Obrigada. Obrigada, obrigada!

Correu para a porta, ansiosa por partilhar a novidade com as amigas, e depois virou-se, jovem e radiante. — Mal posso esperar para começar.

CAPÍTULO UM



Sozinha, com Norah Jones a sussurrar-lhe do *iPod*, Laurel transformava um painel de chocolate derretido numa amostra de tecido rendilhado comestível. Ela não ouvia a música; usava-a mais para dar ambiente do que como entretenimento, enquanto unia cuidadosamente o painel concluído à segunda camada de quatro.

Recuou para observar o resultado, para o circundar, para procurar defeitos. Os clientes da Votos esperavam perfeição e era exatamente isso que ela tencionava apresentar. Satisfeita, acenou com a cabeça e pegou numa garrafa de água para bebericar enquanto esticava as costas.

— Duas já estão, faltam mais duas.

Olhou para o quadro onde tinha afixado diversas amostras de renda antiga e o esboço final do modelo do bolo que a noiva de sexta-feira à noite aprovara.

Tinha mais três projetos para concluir: dois para sábado e um para domingo — mas isso não era novidade nenhuma. Na Votos, a empresa de organização de casamentos e de outros eventos que ela geria com as amigas, junho era um dos meses mais concorridos.

Numa mão-cheia de anos, elas tinham transformado a ideia numa empresa bem-sucedida. Por vezes, um bocadinho bem-sucedida de mais, refletiu ela, e era por isso que estava a fazer rendilhado de chocolate quase à uma da manhã.

Era uma coisa muito boa, decidiu ela. Adorava o trabalho.

Todas elas tinham as suas paixões. Emma tinha as flores, Mac a fo-

tografia, Parker os detalhes. E ela tinha os bolos. E os pastéis, pensou, e os chocolates. Mas os bolos eram o toque supremo.

Retomou o trabalho, começando a estender o painel seguinte. Como já era seu hábito, tinha prendido o cabelo loiro em cima, para não a atrapalhar. Farinha de milho polvilhava o avental de pasteleiro que ela usava sobre as calças e t-shirt de algodão, e as socas mantinham os seus pés o mais confortáveis possível após horas em pé. As mãos, fortes devido aos anos a amassar, a estender e a levantar, eram hábeis e ágeis. Quando dava início ao segundo desenho, o elegante rosto triangular assumiu uma expressão séria.

A perfeição não era simplesmente um objetivo no que dizia respeito à sua arte. Para a pastelaria da Votos, era uma necessidade. O bolo de noiva era mais do que forno e ornamentação, pasta de açúcar e recheio. Tal como as fotos de casamento que Mac tirava eram mais do que fotografias, e os arranjos e buquês que Emma criavam eram mais do que flores. Os detalhes, os programas e os desejos que Parker coordenava eram, no final, maiores que a soma das suas partes.

Reunidos, os elementos transformavam-se num acontecimento único e na celebração da viagem que duas pessoas decidiam fazer em conjunto.

Romântico, certamente, e Laurel acreditava no romance. Bem, pelo menos em teoria. Mais, ela acreditava em símbolos e celebrações. E num bolo verdadeiramente fabuloso.

A sua expressão suavizou para uma de prazer quando ela completou a segunda camada, e os profundos olhos azuis aqueceram quando os ergueu e viu Parker parada à porta.

— Porque não estás na cama?

— Detalhes. — Parker desenhou um círculo com o dedo acima da própria cabeça. — A cabeça não para. Há quanto tempo estás nisto?

— Há um bocado. Preciso de o terminar para poder assentar durante a noite. Além disso, tenho os dois bolos de sábado para montar e decorar amanhã.

— Queres companhia?

Elas conheciam-se suficientemente bem para saber que se Laurel dissesse não, Parker não tomaria como ofensa. E, muitas vezes, quando ela estava embrenhada no trabalho, a resposta era não.

— Claro.

— Adoro o modelo. — Tal como Laurel havia feito, Parker circundou o bolo. — A delicadeza do branco sobre branco, o interesse das diferentes alturas de cada camada... e a complexidade de cada uma. Parecem mesmo diferentes painéis de renda. Época antiga, é o tema da nossa noiva. Conseguiste completamente com isto.

— Vamos pôr fita azul-clara em volta do pedestal — disse Laurel

quando dava início ao painel seguinte. — E a Emma vai espalhar pétalas de rosas brancas na base. Vai ser um sucesso.

— A noiva tem sido de trato fácil.

Confortável no seu pijama, os longos cabelos castanhos soltos em vez do elegante rabo de cavalo ou do puxo liso que usava enquanto trabalhava, Parker ligou a cafeteira para o chá. Uma das vantagens de gerir o negócio na própria casa, e de ter Laurel a morar consigo — com Emma e Mac também na propriedade —, eram aquelas visitas noturnas.

— Ela é determinada — comentou Laurel, escolhendo uma ferramenta para recortar os bordos do painel. — Mas está aberta a sugestões, e até agora não tem sido insana. Se ela conseguir ultrapassar as próximas vinte e quatro horas assim, vai decididamente ganhar o tão cobiçado estatuto de Boa Noiva da Votos.

— Eles pareciam felizes e descontraídos esta noite no ensaio e isso é um bom sinal.

— Hum-hum. — Laurel continuou o desenho com ilhós e pintas precisamente colocadas. — Então, uma vez mais, porque não estás deitada?

Parker suspirou enquanto aquecia um pequeno bule de chá. — Acho que estava a ter um momento especial. Estava a relaxar com um copo de vinho no meu terraço. Conseguia ver a casa da Mac e da Emma. As luzes estavam acesas nas duas casas e eu conseguia sentir o aroma dos jardins. Estava tudo tão sossegado, tão bonito. As luzes apagaram-se; primeiro as da Emma e pouco depois as da Mac. Estava a pensar nos nossos planos para o casamento da Mac e que a Emma acabou de ficar noiva. E em todas as vezes que brincámos ao Dia do Casamento, as quatro, quando éramos miúdas. Agora é real. Estava ali na tranquilidade e no escuro, e dei por mim a desejar que os meus pais pudessem estar aqui para ver. Para ver o que aqui fizemos e quem somos agora. Fiquei enredada. — Parou para medir o chá. — Entre sentir-me triste por eles terem partido e sentir-me feliz por saber que iriam sentir-se orgulhosos de mim. De nós.

— Penso muito neles. Todas nós pensamos. — Laurel continuou a trabalhar. — Porque eram uma parte essencial das nossas vidas e porque aqui existem tantas lembranças deles. Por isso sei o que queres dizer com estares enredada.

— Eles iam ficar muito entusiasmados com a Mac e o Carter, e com a Emma e o Jack, não iam?

— Sim, iam. E com o que fizemos aqui, Parker? É um espetáculo. Também iam ficar entusiasmadíssimos com isso.

— Tenho sorte por estares acordada a trabalhar. — Parker verteu água quente para dentro do bule. — Conseguiste acalmar-me.

— Estou aqui às ordens. Eu digo-te quem mais tem sorte, é a noiva

de sexta-feira. Porque este bolo... — Soprou uma madeixa de cabelo solta da frente dos olhos enquanto anuía presunçosamente com a cabeça. — ...é magnífico. E quando eu fizer o topo, anjos chorarão de alegria.

Parker pôs o bule de lado com o chá em infusão. — A sério, Laurel, tens de sentir mais orgulho no teu trabalho.

Laurel sorriu abertamente. — Que se lixe o chá. Estou quase a acabar. Serve-me um copo de vinho.

De manhã, após seis horas de sono profundo, Laurel fez um treino rápido no ginásio antes de se vestir para o dia de trabalho. Iria ficar presa na sua cozinha durante a maior parte deste, mas, antes de dar início a essa rotina, havia a reunião geral que antecedia qualquer evento.

Laurel desceu apressadamente da sua ala no terceiro andar até ao piso principal da grande casa e seguiu para a cozinha principal onde a senhora Grady estava a compor uma travessa com fruta.

— Bom-dia, senhora G.

A senhora Grady arqueou as sobrancelhas. — Parece cheia de energia.

— Sinto-me cheia de energia. Sinto-me extremamente bem. — Laurel cerrou ambos os punhos e fletiu os músculos. — Quero café. Muito.

— A Parker já levou o café. Pode levar esta fruta e os bolos. Coma um pouco de fruta. Um dia não devia começar com um folhado doce.

— Sim, senhora. Já chegou mais alguém?

— Ainda não, mas vi o camião do Jack sair há pouco e calculo que o Carter apareça com aqueles olhos de cachorrinho na esperança de um pequeno-almoço decente.

— Eu vou sair do caminho. — Laurel agarrou nas travessas, equilibrando-as com a perícia da empregada de mesa que fora em tempos.

Levou-as para a biblioteca, que agora servia de sala de reuniões da Votos. Parker estava sentada à grande mesa, com o serviço de café no topo. Como sempre, o seu *BlackBerry* estava ao alcance. O aprumado rabo de cavalo deixava-lhe o rosto a descoberto e a camisa branca informava que se encontrava em modo profissional enquanto bebericava o café e examinava os dados no computador portátil com os olhos azuis-escuros que, Laurel sabia, não deixavam escapar nada.

— Provisões — anunciou Laurel. Pousou as travessas e prendeu o cabelo por altura do queixo atrás das orelhas antes de obedecer à senhora Grady e de se servir de uma pequena taça de frutos silvestres. — Senti a tua falta no ginásio hoje de manhã. A que horas te levantaste?

— Às seis, e ainda bem, porque a noiva da tarde de sábado telefonou

pouco depois das sete. O pai dela tropeçou no gato e é capaz de ter partido o nariz.

— Uh-oh.

— Ela está preocupada com ele, mas quase igualmente preocupada como estará a aparência dele para o casamento e nas fotografias. Eu vou ligar para a maquilhadora para ver o que ela acha que pode ser feito.

— Lamento a má sorte do pai da noiva, mas se é esse o maior problema deste fim de semana, estamos em boa forma.

Parker espetou um dedo. — Não agoires.

Mac entrou calmamente, alta e esbelta em calças de ganga e t-shirt preta. — Olá, amigas.

Laurel franziu os olhos diante do sorriso fácil da amiga e dos olhos verdes sonolentos. — Fizeste sexo matinal.

— Fiz sexo matinal estupendo, obrigada. — Mac serviu-se de café e agarrou num muffin. — E tu?

— Cabra.

Com uma gargalhada, Mac sentou-se numa cadeira e esticou as pernas. — Prefiro o meu exercício matinal à tua rotina e à máquina de musculação.

— Cabra mesquinha e cruel — disse Laurel, e comeu uma framboesa.

— Adoro o verão quando o amor da minha vida não tem de se levantar cedo para instruir mentes jovens. — Abriu o seu computador portátil. — Agora estou preparada, de todas as formas possíveis, para o trabalho.

— O pai da noiva da tarde de sábado pode ter partido o nariz — disse-lhe Parker.

— Droga. — Mac franziu a testa. — Posso fazer muito com *Photoshop*, se eles quiserem, mas isso é batota. O que é, é... e dá uma recordação divertida. Na minha opinião.

— Veremos qual é a opinião da noiva quando ele regressar do médico. — Parker levantou os olhos quando Emma entrou apressadamente.

— Não estou atrasada. Ainda faltam vinte segundos. — De caracóis negros aos saltos, correu até ao serviço de café. — Voltei a adormecer. Depois.

— Oh, também te odeio — resmungou Laurel. — Precisamos de uma regra nova. Nada de se gabarem do sexo em reuniões de trabalho quando metade de nós não está a conseguir nada.

— Apoiado — disse Parker imediatamente.

— Oh...! — A rir-se, Emma colocou alguma fruta numa taça.

— O pai da noiva de sábado à tarde pode ter partido o nariz.

— Oh...! — repetiu Emma, genuinamente preocupada com a comunicação de Mac.

— Trataremos disso quando tivermos mais detalhes, mas independentemente do desfecho, a responsabilidade recai sobre a Mac e eu. Vou manter-te a par da situação — disse Parker a Mac. — O evento desta noite. Todos os acompanhantes, familiares e convidados de fora da cidade já chegaram. A noiva, a mãe da noiva e as damas de honor devem chegar às três para o cabelo e a maquilhagem. A mãe do noivo tem marcação no salão e deve chegar às quatro com o pai do noivo. O pai da noiva chegará com a filha. Mantê-lo-emos feliz e ocupado até ser hora das fotos formais que o incluam. Mac?

— O vestido da noiva é uma beleza. Romance de época. Vou dar-lhe destaque.

Enquanto Mac delineava os seus planos e horários, Laurel levantou-se rapidamente para uma segunda chávena de café. Tomava anotações aqui e ali, e continuou a fazê-lo quando Emma assumiu a reunião. Como a maior parte do trabalho de Laurel estava concluído, ela iria ajudá-las quando e onde fosse precisa.

Era uma rotina que tinham aperfeiçoado desde que a Votos passara de conceito a realidade.

— Laurel — disse Parker.

— O bolo está terminado... e está um espanto. É pesado, por isso vou precisar da ajuda do pessoal para o transferir para a sala do copo-d'água, mas a conceção não requer qualquer montagem no local. Vou precisar que trates da fita e das pétalas de rosa brancas, Emma, assim que for transferido, mas isso só será à hora de servir. Eles não quiseram o bolo de noivo e escolheram uma diversidade de miniaturas e de chocolates em forma de coração. Isso está também terminado e iremos servi-los em porcelana branca forrada com bases rendadas para espelhar o estilo do bolo. A toalha da mesa do bolo é azul-clara e rendilhada. Faça e espátula para o bolo providenciadas pelos noivos. Eram da avó dela, por isso vamos mantê-las debaixo de olho.

» Vou estar a trabalhar nos bolos de sábado a maior parte do dia de hoje, mas devo estar despachada a partir das quatro, se alguém precisar de mim. No final do evento, o pessoal auxiliar irá colocar as sobras do bolo nas caixas de *take-away* e atá-las com fita azul que mandámos gravar com os nomes dos noivos e a data. Os mesmo irá passar-se se sobrar algum chocolate ou sobremesa. Mac, gostava de uma fotografia do bolo para os meus arquivos. Nunca tinha feito este modelo.

— Ok.

— E, Emma, preciso das flores para o bolo da noite de sábado. Podes deixar-mas quando vieres decorar o evento de hoje?

— Sem problema.

— Do ponto de vista pessoal? — Mac levantou uma mão para chamar a atenção. — Ninguém mencionou o facto de o mais recente casamento da minha mãe ser amanhã, em Itália. O que, felizmente, fica a muitos, muitos quilómetros de distância da nossa feliz casa aqui em Greenwich, Connecticut. Recebi um telefonema dela pouco depois das cinco desta manhã, já que a Linda não entende o conceito de fuso horário e, bem, convenhamos, também não quer saber disso para nada.

— Porque não deixaste simplesmente tocar? — perguntou Laurel, no momento em que Emma estendia a mão para acariciar a perna de Mac em sinal de solidariedade.

— Porque ela não ia parar de telefonar. . . e eu estou a tentar lidar com ela. Desta vez, segundo as minhas condições. — Mac passou os dedos pelo irreverente cabelo ruivo curtinho. — Houve, como seria de esperar, lágrimas e recriminações, já que ela decidiu que me quer lá. Ao contrário de uma semana atrás, em que não queria. Como não tenho intenção nenhuma de apanhar um avião, especialmente quando tenho um evento esta noite, dois amanhã e outro no domingo, para a ver casar-se pela quarta vez, ela agora não fala comigo.

— Se ao menos isso durasse.

— Laurel — murmurou Parker.

— Estou a falar a sério. Temos de lhe dizer meia dúzia de verdades — lembrou ela a Parker. — Eu não o fiz. Só posso deixar que isso me corroa.

— E eu agradeço — disse Mac. — Sinceramente. Mas, como podes ver, não estou apavorada, não estou a nadar em culpa e nem sequer ligeiramente chateada. Acho que há uma vantagem em encontrar-se um homem sensível, amoroso e muito sensato. Uma vantagem a acrescentar ao sexo matinal verdadeiramente fantástico. Todas vocês estiveram do meu lado sempre que eu tive de lidar com a Linda, tentaram ajudar-me a ultrapassar as exigências dela e a insanidade básica. Acho que o Carter só ajudou a inclinar a balança e agora eu já consigo lidar com o problema. Queria dizer-vos isso.

— Eu própria faria sexo matinal com ele, só por isso.

— Tira as mãos, McBane. Mas agradeço o sentimento. Então. — Ela levantou-se. — Quero fazer alguma coisa antes de precisar de me concentrar no evento de hoje. Depois passo por aqui para tirar umas fotografias ao bolo.

— Espera, vou contigo. — Emma levantou-se. — Volto daqui a pouco. . . e deixo-te as flores, Laurel.

Depois de terem saído, Laurel sentou-se mais um momento. — Ela estava mesmo a falar a sério.

— Sim, estava.

— E ela está certa. — Laurel aproveitou um último momento para se recostar e relaxar com o café. — O Carter é que rodou a chave na fechadura. Pergunto-me como será ter um homem que consegue fazer isso, que consegue ajudar dessa forma sem pressionar. Quem poderá amar-nos dessa maneira? Acho que no final de contas, invejo-lhe mais isso do que o sexo. — Encolhendo os ombros, Laurel levantou-se. — É melhor deitar mãos ao trabalho.

Laurel não teve tempo para pensar em homens nos dois dias seguintes. Não teve nem tempo nem energia para pensar em amor ou romance. Ela podia estar enterrada até ao pescoço em casamentos, mas isso era negócio — e o negócio dos casamentos exigia concentração e precisão.

O bolo Renda Antiga, que lhe levava praticamente três dias a criar, tinha o seu momento de ribalta — antes de ser desmanchado e devorado. A tarde de sábado incluiu o seu extravagante Pétalas Pastel, adornado com centenas de pétalas de rosa feitas de pasta de açúcar em relevo, e a noite de sábado o seu Jardim de Rosas, onde camadas de rosas vermelhas se entremevam com camadas de bolo de baunilha com uma sedosa cobertura de creme de manteiga.

Para o evento mais pequeno e descontraído da tarde de domingo, a noiva tinha escolhido Bagas de Verão. Laurel fizera o bolo, o recheio, a montagem e o glacê entrelaçado. Agora, no momento em que os noivos trocavam votos no terraço exterior, Laurel completava o projeto compondo a fruta fresca e as folhas de hortelã nas camadas.

Atrás dela, o pessoal auxiliar terminava as decorações da mesa para o *brunch* de casamento. Ela usava um avental de pasteleiro sobre um fato praticamente da mesma cor das framboesas que tinha selecionado.

Recuou para examinar as linhas e o equilíbrio, e depois escolheu um cacho de uvas champanhe para pendurar numa das camadas.

— Parece saboroso.

As suas sobranceiras uniram-se quando ela agrupava cerejas com pé. Interrupções enquanto trabalhava eram comuns, mas isso não queria dizer que gostasse delas. Além do mais, não esperava que o irmão de Parker aparecesse durante um evento.

Pensando bem, lembrou a si própria, ele entrava e saía quando lhe apetecia.

Mas quando ela viu a mão dele aproximar-se de um dos recipientes, afastou-a rapidamente com um estalo.

— Mãos fora.

— Como se desses por falta de umas amoras silvestres.

— Não sei por onde andaram as tuas mãos. — Ela compôs um trio de folhas de hortelã e não se incomodou, naquele momento, em dispensar-lhe um olhar. — O que queres? Estamos a trabalhar.

— Eu também. Mais ou menos. Capacidade de advogado. Tinha de deixar aqui uma papelada.

Era ele quem tratava de todos os assuntos legais delas, tanto individuais como do negócio. Ela sabia muito bem que ele dedicava muitas horas a trabalhar em benefício delas, e dispendo frequentemente do seu tempo livre. Mas se ela não implicasse com ele, iria quebrar uma tradição de longa data.

— E calculaste a hora para poderes cravar alguma coisa do catering.

— Tem de haver algumas regalias. O *brunch*?

Ela cedeu e virou-se. As calças de ganga e a t-shirt que ele tinha escolhido não faziam dele pior advogado. Não na opinião dela. *Delaney Brown, um Brown do Connecticut*, pensou ela. Alto, atraentemente esguio, o farto cabelo castanho apenas um bocadinho mais comprido do que o que a moda no mundo da advocacia possivelmente ditaria.

Faria isso de propósito? Ela calculava que sim, já que ele era um homem que tinha sempre um plano. Ele partilhava aqueles profundos olhos azuis-escuros com Parker, mas embora ela o conhecesse desde sempre, raramente conseguia ler o que se passava por detrás deles.

Na opinião dela, ele era tão bonito, que podia ser nefasto para ele próprio, e tão melíflu, que podia ser a desgraça dos outros. Ele era também inabalavelmente leal, discretamente generoso e irritantemente superprotector.

Ele estava a sorrir-lhe agora, rápida e facilmente com um desarmante flash de humor que ela imaginava servir de arma mortal em tribunal. Ou no quarto.

— Salmão escalfado frio, minifrango à florentina, legumes de verão grelhados, panquecas de batata, uma variedade de quiches, caviar com acompanhamento completo, pastelaria e pães diversos, mais uma mostra de fruta e queijo, seguido do bolo de sementes de papoila com recheio de marmelada de laranja e cobertura de creme de manteiga com *Grand Marnier*, encimado com fruta fresca.

— Conta comigo.

— Calculo que sejas capaz de dar a volta ao pessoal do catering — disse ela. Rolou os ombros e fez movimentos circulares com a cabeça sobre o pescoço enquanto escolhia as bagas seguintes.

— Dói-te alguma coisa?

— A cobertura entrelaçada dá cabo do pescoço e dos ombros.

Ele levantou as mãos e depois recolheu-as nos bolsos. — O Jack e o Carter estão por aqui?

- Algures. Não os vi hoje.
- Se calhar vou à procura deles agora.
- Hum-hum.

Mas ele atravessou a sala até às janelas e olhou para o terraço abaixo enfeitado de flores, para as cadeiras forradas a branco, a bonita noiva virada para o noivo sorridente.

— Eles estão na parte da aliança! — gritou Del.

— A Parker acabou de me dizer. — Laurel batucou nos auriculares. — Estou pronta. Emma, o bolo está pronto para ti.

Equilibrou a camada superior com uma haste carregada de amoras silvestres. — Faltam cinco minutos — anunciou, e começou a encher a sua caixa com a fruta restante. — Vamos servir o champanhe, os *Bloody Mary* e as *mimosas*. Acende as velas, por favor. — Começou a levantar a caixa, mas Del foi mais rápido.

— Eu levo.

Ela encolheu os ombros e foi ligar a música de fundo que tocava até a orquestra iniciar a atuação.

Começaram a descer as escadas das traseiras, cruzando-se com os empregados de uniforme que subiam com os aperitivos para o breve cocktail destinado a entreter os convidados enquanto Mac tirava as fotografias formais da noiva e do noivo, dos convidados e da família.

Laurel entrou na sua cozinha, onde o serviço de catering seguia a todo o vapor. Acostumada ao caos, desviou-se com facilidade, pegou numa pequena tigela e serviu-a com fruta. Passou-a a Del.

— Obrigado.

— Fica fora do caminho. Sim, estão prontos — disse ela a Parker através dos auriculares. — Sim, em trinta. Em ordem. — Olhou para o serviço de catering. — Dentro do horário. Oh, o Del está aqui. Uh-uh.

Encostado à bancada a comer bagas, ele viu-a despir o avental. — Ok, vou sair agora.

Del afastou-se da bancada com um empurrão para a seguir através do vestíbulo que em breve seria transformado no seu espaço suplementar de refrigeração e armazenamento. Ela tirou o gancho do cabelo, atirou-o para o lado e assentou o cabelo com uma sacudida quando estava a sair da casa.

— Onde vamos?

— Eu vou ajudar a acompanhar os convidados até ao interior. Tu vais-te embora, para algum lugar.

— Gosto de estar aqui.

Foi a vez de ela sorrir. — A Parker disse para eu me livrar de ti até à hora das limpezas. Vai procurar os teus amiguinhos, Del, e, se forem bons meninos, mais tarde serão alimentados.

— Tudo bem, mas se eu for enrolado a participar na limpeza, quero um bocado daquele bolo.

Separaram-se; ele dirigindo-se calmamente para a remodelada casa da piscina que era agora casa e estúdio de Mac, ela dirigindo-se a passos largos para o terraço, onde a noiva e o noivo trocavam o primeiro beijo de casados.

Laurel olhou uma vez para trás — apenas uma. Ela conhecia-o desde sempre; devia ser o destino, calculava ela. Mas a culpa era sua, e era problema seu o facto de se ter apaixonado por ele quase desde o início.

Ela permitiu-se suspirar uma vez antes de colocar um sorriso luminoso e profissional no rosto para dar uma ajuda a conduzir os celebrantes até à Recepção.

CAPÍTULO DOIS



Bastante tempo depois de o último convidado ter partido e o serviço de catering ter arrumado o material, Laurel estendeu-se no sofá da familiar sala de estar com um merecido copo de vinho.

Ela não tinha a certeza de onde os homens pudessem estar — talvez tivessem regressado às suas tocas com um *pack* de seis cervejas — mas era agradável, muito agradável, relaxar apenas com as mulheres e o silêncio relativo.

— Que fim de semana tão bom. — Mac ergueu o seu copo num brinde. — Quatro ensaios, quatro eventos. Nem um único problema em qualquer um deles. Nem sequer uma amostra de problema. É um recorde.

— O bolo estava espetacular — acrescentou Emma.

— Comeste só uma garfada — salientou Laurel.

— Uma garfada espetacular. E hoje foi encantador, com o filho pequeno do noivo a fazer de padrinho. Ele era tão querido. Fez-me lacrimejar.

— Vão formar uma bela família. — Parker estava sentada, olhos fechados, *BlackBerry* no colo. — Assistimos a segundos matrimónios com filhos e pensamos: «Oh, não, vêm aí águas agitadas.» Mas isto? Percebe-se logo que ela e o miúdo são doidos um pelo outro. Foi delicioso.

— Eu tirei umas fotos fantásticas. E o bolo era espantoso — acrescentou Mac. — Talvez devesse optar pela semente de papoila para o meu.

Para aliviar as câibras, Laurel encolheu e esticou os dedos dos pés. — Na semana passada querias o creme italiano.

— Talvez devesse optar pelo sortido de bolos. Pequenas versões de

diversos tipos, diferentes modelos. Seria uma orgia culinária, a acrescentar à fantástica fotografia.

Laurel espetou um dedo. — Morre, Mackensie. Morre.

— Devias ficar-te pelo creme italiano. É o teu favorito.

Mac contraiu os lábios enquanto acenava afirmativamente com a cabeça para Emma. — Tens razão. E sou eu que importo. Para qual dos bolos é que te inclinas, para ti?

— Nem sequer consigo pensar nisso. Ainda estou a habituar-me a estar noiva. — Emma examinou o anel de diamante que tinha no dedo com um sorriso inegavelmente presunçoso. — Além do mais, assim que eu entrar nos planos e nos detalhes do casamento, acho que vou ficar completamente obcecada. Por isso devíamos adiar isso o mais possível.

— Sim, por favor. — Laurel suspirou a sua concordância.

— De qualquer modo, precisas primeiro do vestido. — Parker mantinha os olhos fechados. — O vestido vem sempre em primeiro lugar.

— Agora estragaste tudo — resmungou Laurel.

— Pouco pensei nisso. Mais de mil vezes — acrescentou Emma. — Olhei para pouco mais de meio milhão de fotografias. Decidi-me por um de princesa. Quilómetros e quilómetros de saia. Provavelmente um corpete caicai, talvez um decote princesa, já que tenho uns seios excepcionais.

— É verdade, tens — concordou Mac.

— Certamente nada simples. Sumptuosidade é o meu lema. Quero uma tiara... e uma cauda. — Olhos escuros brilharam com a ideia. — E como vamos encaixá-lo já no próximo mês de maio, vou desenhar-me um buquê incrível e, sim, sumptuoso. Pastéis, acho. Provavelmente. Pastéis românticos e comoventes.

— Mas ela nem sequer consegue pensar no assunto — acrescentou Laurel.

— Todas vocês em cores suaves — continuou Emma, impávida. — Um jardim das minhas amigas. — Soltou um suspiro longo e sonhador. — E quando o Jack me vir, vai perder o fôlego. Sabem, aquele momento único em que olhamos um para o outro, e o mundo sustém-se para nós. Só por um minuto, um incrível minuto.

Sentada no chão, encostou a cabeça à perna de Parker. — Nós não sabíamos realmente como era, todas aquelas vezes em que brincámos ao Dia do Casamento quando éramos crianças. Não sabíamos realmente o que significava aquele momento único incrível. Temos tanta sorte por assistirmos a ele com esta frequência.

— O melhor trabalho que existe — murmurou Mac.

— O melhor trabalho que existe porque nós somos as melhores. — Laurel endireitou-se o suficiente para brindar. — Nós organizamos tudo

para que as pessoas possam ter aquele momento único incrível. Terás o teu, Em, orquestrado até ao último pormenor pela Parker, rodeado de flores que tu própria terás providenciado, capturado numa fotografia tirada pela Mac. E celebrado com um bolo que eu criarei só para ti. Um bolo sumptuoso. É garantido.

— Oh... — Os olhos escuros de Emma encheram-se de lágrimas. — Por mais que eu ame o Jack (e como amo!), não poderia estar tão feliz, como estou neste momento, sem todas vocês.

Mac entregou um lenço de papel a Emma. — Mas eu vou ser a primeira. Quero um bolo que seja só para mim — disse ela a Laurel. — Se ela vai ter um, eu também vou.

— Eu posso colocar pequenas máquinas fotográficas e tripés em volta das camadas.

— E pequenas pilhas de livros para o Carter? — Mac riu-se. — Parvo, mas adequado.

— Segue o tema das tuas fotos de noivado. — Emma secou os olhos. — Adorei a forma como compuseste tudo, contigo e o Carter no sofá, as vossas pernas entrelaçadas, ele com um livro no colo, tu parecendo que tinhas acabado de baixar a máquina depois de lhe teres tirado a fotografia. Ambos a sorrirem. O que me leva a perguntar-te pelo nosso retrato de noivado. Quando, onde, como?

— Fácil. Tu e o Jack na cama, nus.

Emma projetou um pé para dar um pequeno pontapé a Mac. — Para.

— Também adequado — foi a opinião de Laurel.

— Nós fazemos mais do que sexo!

— Certamente que sim. Pensam em fazer sexo. — Parker abriu um olho.

— Nós temos uma relação bastante estratificada — insistiu Emma. — Que inclui muito sexo. Agora a sério...

— Tenho algumas ideias em mente. Devíamos olhar para os nossos planos de trabalho e marcar alguma coisa.

— Agora?

— Claro. A Parks deve ter os nossos planos no *CrackBerry* dela. — Mac estendeu a mão na direção do aparelho.

Parker abriu os dois olhos e dirigiu-lhe um olhar de advertência. — Tocas-lhe e morres.

— Jesus. Vamos consultar a minha agenda no estúdio. De qualquer modo, se calhar devíamos reunir-nos com os rapazes... e o Jack também tem de nos informar da disponibilidade dele.

— Excelente.

— Onde estão os rapazes? — perguntou-se Laurel.

— Lá em baixo com a senhora G. — disse-lhe Emma. — A comer piza e a jogar póquer; pelo menos era esse o plano.

— Ninguém nos perguntou se queríamos piza e póquer. — Laurel encolheu os ombros na horizontal quando os olhares se viraram para si. — Ok, não, não quero piza nem póquer porque gosto de estar aqui. Mas ainda assim.

— Seja como for. — Mac levantou-se. — Dadas as circunstâncias, reunirmo-nos com eles pode levar algum tempo. Vamos só plantar a semente e depois planeamos o horário.

— Isso é que é um bom plano. Bom trabalho, miúdas — disse Emma ao levantar-se.

Quando saíram, Laurel espreguiçou-se. — Preciso de uma massagem. Devíamos ter um massagista interno chamado Sven. Ou Raoul.

— Vou pôr isso na lista. Entretanto, podias ligar para o Serenidade e marcar uma.

— Mas se tivéssemos o Sven (acho que Sven é melhor que Raoul), eu podia fazer já uma e de seguida enfiar-me descontraidamente na cama e dormir. Quantos dias faltam para as férias?

— Demasiados.

— Dizes isso agora, mas quando estivermos livres para irmos para os Hamptons, tu vais continuar com esse *BlackBerry* colado à mão.

— Posso separar-me dele quando quiser.

Laurel respondeu ao sorriso de Parker. — Vais comprar uma bolsa à prova de água para poderes nadar com ele.

— Deviam fazê-los à prova de água. Devemos ter a tecnologia.

— Bem, eu vou deixar-te a sós com o teu verdadeiro amor, vou pôr-me de molho num banho quente e sonhar com o Sven. — Laurel rolou do sofá. — É bom ver a Emma e a Mac tão felizes, não é?

— Sim.

— Até amanhã.

O banho quente fez maravilhas, mas deixou-a completamente acordada em vez de relaxada e sonolenta. Em vez de passar uma hora a tentar forçar o sono, Laurel ligou a TV na sua sala de estar para ter companhia, depois sentou-se ao computador para ver o plano de trabalho da semana. Procurou receitas — que eram um vício para si, como o *BlackBerry* era para Parker — e encontrou algumas merecedoras de *bookmarking* para serem posteriormente ligeiramente modificadas e personalizadas.

Ainda agitada, instalou-se na cadeira preferida com o seu bloco de desenho. A cadeira tinha sido da mãe de Parker e fazia sempre Laurel sen-

tir-se aconchegada e segura. Sentou-se de pernas cruzadas em cima da almofada alta, bloco sobre o colo, e pensou em Mac. Em Mac e Carter. Em Mac no fabuloso vestido de noiva que tinha escolhido — ou que Parker tinha encontrado para ela.

Simples, linhas elegantes, pensou ela, que tão bem assentava no corpo esguio de Mac. Nada de muito complicado, e apenas um toque de sedução. Ela esboçou um bolo que espelhasse a ideia — clássico e simples. E rejeitou-o de imediato.

Linhas simples para o vestido, sim, mas Mac também era cor e extravagância, singularidade e audácia. E essa, constatou ela, era uma das razões por que Carter a adorava.

Tão audaz. Colorido casamento outonal. Camadas quadrangulares em vez do mais tradicional círculo, com a cobertura de creme de manteiga que Mac preferia. Colorido. Sim, sim. Dourado-escuro, coberto com flores outonais — fá-las-ia maiores do que o normal, com pétalas largas e detalhadas — em castanho-avermelhado, laranja-escuro e verde-escuro.

Cor, textura, forma, para atrair o olho do fotógrafo, e suficientemente romântico para qualquer noiva. Encimado com um buquê, com um rasto de fitas douradas-escuras. Toques de branco com uns cordões de açúcar, para realçar toda a cor.

Outono da Mac, pensou ela, sorrindo enquanto acrescentava pormenores. O nome perfeito para o bolo — devido à estação e ao modo como a amiga caíra de amores.

Laurel segurou no esboço à distância de um braço e sorriu de satisfação.

— Sou muito boa. E agora estou com fome.

Levantou-se para apoiar o bloco de desenho aberto contra um candeeiro. Assim que pudesse, decidiu, iria mostrá-lo a Mac para ter a opinião da noiva. Mas se conhecia Mac — e conhecia —, aquele desenho ia receber um grande e feliz *uau!*

Ela merecia um lanche; talvez uma fatia de piza fria, se tivesse restado alguma. Algo de que se arrependeria de manhã, disse para si mesma ao sair, mas não havia como evitar.

Estava acordada e com fome. Uma das regalias de comandar o próprio negócio e a própria vida era poder satisfazer os próprios desejos de vez em quando.

Deslocou-se através da escuridão e da quietude, guiada pelo conhecimento que tinha da casa e pelos raios de luar que entravam pelas janelas. Atravessou a sua ala e começou a descer as escadas enquanto se convencia a desistir da piza fria e a comer antes algo mais saudável, como fruta e chá de ervas.

Ela precisava de acordar cedo para encaixar um treino antes da fornada de segunda-feira de manhã. Depois tinha três casais para provas naquela tarde, por isso iria precisar de se preparar para isso e arrumar tudo.

Uma reunião noturna, o pessoal todo, com um cliente para determinar os detalhes básicos de um casamento invernal, e depois tinha o resto da noite livre para fazer o que precisava de ser feito — ou o que lhe apetecesse.

Graças a Deus que tinha dado início a uma moratória no que dizia respeito a encontros, por isso não precisava de se preocupar em arranjar-se para sair — e com o que vestir quando o fazia —, em fazer conversa e em decidir se estava ou não inclinada para fazer sexo.

A vida era mais fácil, pensou ela quando virou ao fundo das escadas. Era mais fácil, mais simples e menos tensa quando se tiravam os encontros e o sexo do cardápio.

Ela embateu com força num sólido objeto de formato masculino e desequilibrou-se para trás. Praguejando, agitou os braços para se salvar. As costas da mão dela bateram subitamente num corpo, dando origem a mais um palavrão que não era seu. Quando caía, ela agarrou numa mão-cheia de tecido. Ouvia-o rasgar-se no momento em que o sólido objeto de formato masculino caiu em cima dela.

Ofegante, com a cabeça a doer no local onde tinha batido contra o piso do degrau, ela jazia mole como um trapo. Embora aturdida no escuro, reconheceu Del pela sua forma, pelo seu cheiro.

— Credo. Laurel? Raios. Magoaste-te?

Ela inspirou, constringida pelo peso dele — e talvez pelo facto de uma certa zona desse peso estar muito intimamente encostada entre as suas pernas. Por que diabo tinha ela estado a pensar em sexo? Ou na falta deste?

— Sai de cima de mim — consegui eu dizer.

— Estou a tratar disso. Estás bem? Não te vi. — Ele elevou-se parcialmente e os seus olhares cruzaram-se sob aquele luar azul empoeirado. — Ai!

Como o movimento dele aumentou a pressão, centro contra centro, algo para além da sua cabeça começou a latejar. — Sai. De cima. Agora.

— Ok, ok. Desequibrei-me e ainda por cima tu agarraste-te à minha camisa e puxaste-me contigo para o chão. Tentei apanhar-te. Espera, deixa-me acender a luz.

Ela deixou-se ficar onde estava, à espera de recuperar o fôlego, à espera que as coisas parassem de latejar. Quando ele acendeu a luz do *foyer*, ela fechou os olhos devido à claridade.

— Ah — disse ele e pigarreou.

Ela estava esparramada nos degraus, pernas abertas, usando uma fina camisola branca sem mangas e um par de boxers vermelhos. As unhas dos

pés eram rosa-choque. Ele decidiu que era melhor concentrar-se nos dedos dos pés dela do que nas pernas, ou no modo como a camisola lhe assentava, ou... em qualquer outra coisa.

— Deixa-me ajudar-te a levantar. — *E a vestires um roupão bem comprido e grosso.*

Ela afastou-o com um gesto de mão, meio sentada para esfregar a nuca. — Raios, Del, porque estás a deslocar-te sorrateiramente pela casa?

— Eu não estava a deslocar-me sorrateiramente. Estava a andar. Porque estavas tu a deslocar-te sorrateiramente?

— Eu não estava... credo. Eu moro aqui.

— Eu costumava morar — resmungou ele. — Rasgaste-me a camisa.

— Tu fraturaste-me o crânio.

A irritação deu imediatamente lugar à preocupação. — Alejei-te mesmo? Deixa-me ver.

Antes que ela pudesse mexer-se, ele agachou-se e palpou-lhe a parte de trás da cabeça. — Caíste com muita força. Não está a sangrar.

— Ai! — Pelo menos a dor aguda desviou-lhe o pensamento da camisa rasgada e do músculo por debaixo. — Para de carregar.

— Temos de te arranjar gelo.

— Está tudo bem. Estou bem. — Excitada, sem dúvida, pensou ela, e a desejar que ele não tivesse um aspeto tão desgrenhado, tão desalinhado e tão absolutamente *sexy*. — Que diabo estás a fazer aqui? Estamos a meio da noite.

— Passa pouco da meia-noite, o que, apesar do termo, não significa meio da noite.

Ele olhou-a fixamente nos olhos à procura, calculava ela, de sinais de choque ou trauma. A qualquer instante iria medir-lhe o raio do pulso.

— Isso não responde à pergunta.

— A senhora G. e eu estivemos na conversa. Houve cerveja envolvida. Cerveja suficiente para eu decidir que... — Apontou para cima. — Ia dormir num dos quartos de hóspedes em vez de conduzir até casa já ligeiramente embriagado.

Ela não podia discutir com ele por ser sensato — principalmente porque ele era sempre sensato. — Então... — Ela imitou-o e apontou para cima.

— Levanta-te para eu ter a certeza que estás bem.

— Não sou eu que estou embriagada.

— Não, tu és a que tem o crânio fraturado. Anda. — Ele encerrou o assunto enfiando as mãos debaixo dos braços dela e levantando-a por forma a ela ficar de pé no degrau acima dele e os seus rostos quase ao mesmo nível.

— Não vejo nenhum X nos teus olhos, nem passarinhos a voar em círculo acima da tua cabeça.

— Engraçadinho.

Ele fez-lhe aquele sorriso. — Eu ouvi uns passarinhos a chilrear quando me bateste com as costas da mão.

Ela não conseguiu impedir os seus lábios de tremelicarem quando lhe franziu o sobrolho. — Se eu soubesse que eras tu, teria dado com mais força.

— É assim mesmo, minha menina.

E não era assim mesmo que ele a via?, pensou ela com uma mescla instável de irritação e desilusão. Apenas uma das suas meninas.

— Vá, vai dormir para curares a bebedeira e nada de andares por aí pela calada.

— Onde vais tu? — perguntou ele quando ela começou a afastar-se.

— Onde me apetercer.

Era o que ela costumava fazer, pensou ele, e era uma das coisas que ela tinha de mais atraente. A não ser que se tivesse em consideração como o rabo dela ficava dentro de uns boxers curtos vermelhos.

Coisa que ele não estava a fazer. Exatamente. Ele estava apenas a certificar-se de que ela mantinha o equilíbrio de pé. E com aquelas pernas verdadeiramente magníficas.

Ele virou propositadamente costas e subiu a escadaria até ao terceiro andar. Virou para a ala de Parker e abriu a porta do quarto que tinha sido seu durante a infância, a meninice, a adolescência.

Não era o mesmo. Ele não esperava que fosse, nem o desejava. Se as coisas não mudassem, tornavam-se estagnadas e bafientas. As paredes, agora de um verde suave e nebuloso, exibiam bons quadros em molduras simples em vez dos posters de desporto da sua juventude. A cama, uma linda cama antiga com colunas, tinha sido da avó. Continuidade, pensou ele, não era o mesmo que estagnação.

Ele tirou uns trocados e as chaves do bolso, atirou-os para dentro do prato que estava em cima da cómoda e depois viu-se ao espelho.

A camisa estava rasgada no ombro, o cabelo despenteado e, se não estava enganado, conseguia ver a marca leve do sítio onde os nós dos dedos de Laurel tinham entrado em contacto com a sua maçã do rosto.

Ela sempre tinha sido rija, pensou ele enquanto descalçava os sapatos. Rija, forte e não tinha praticamente medo de nada. A maioria das mulheres teria gritado, não teria? Mas não Laurel — ela lutava. Se a empurrassem, ela empurrava também. Com mais força.

Ele só podia admirar isso.

O corpo dela tinha-o surpreendido. Isso, ele era capaz de admitir, dis-

se para si próprio enquanto despia a t-shirt rasgada. Não que não conhecesse o corpo dela. Ele tinha-a abraçado inúmeras vezes ao longo dos anos. Mas abraçar uma amiga era uma coisa completamente diferente de estar deitado em cima de uma mulher no escuro.

Completamente diferente.

E uma coisa em que era melhor não pensar.

Despiu o resto da roupa e em seguida puxou a colcha para o fundo da cama — neste caso, a colcha era obra da bisavó. Ligou o antiquado despertador de corda ao lado da cama e apagou a luz.

Quando fechou os olhos, a imagem de Laurel deitada nas escadas assaltou-lhe o pensamento e alojou-se lá. Ele rebolou para o outro lado e pensou nos compromissos do dia seguinte. E viu-a a afastar-se naqueles diminutos boxers vermelhos.

— Que se lixe.

Um homem tinha o direito de pensar no que quisesse quando estava sozinho no escuro.

Como já era habitual nas manhãs de segunda-feira, Laurel e Parker chegaram ao ginásio da casa quase em simultâneo. Parker decidiu fazer ioga e Laurel cardio. Como ambas encaravam o treino com seriedade, houve pouca conversa.

Quando Laurel se aproximava do quinto quilómetro, Parker mudou para pilates — e Mac entrou a arrastar-se para, como era habitual, rir-se com desdém da máquina de musculação.

Divertida, Laurel começou a desacelerar para arrefecer. A conversão de Mac aos treinos regulares provinha da sua determinação em ter braços e ombros deslumbrantes no vestido de noiva sem alças.

— Estás com bom aspeto, Elliot! — gritou ela quando agarrava numa toalha. Mac torceu simplesmente o lábio.

Laurel desenrolou um colchão para se estender enquanto Parker dava a Mac algumas dicas sobre fitness. Quando ela seguiu para os pesos livres, Parker estava a empurrar Mac para a elíptica.

— Não quero.

— Uma mulher não se governa apenas com treino de resistência. Quinze minutos de cardio e quinze de alongamentos. Laurel, onde arranjaste essa nódoa negra?

— Que nódoa negra?

— No teu ombro. — Parker aproximou-se dela e espetou o dedo na nódoa negra exposta pela camisola sem mangas de Laurel.

— Oh, cáí debaixo do teu irmão.

- Hã?
- Ele andava a deambular no escuro quando eu descí para tomar chá, que acabou por ser piza fria e água com gás. Ele esbarrou contra mim e deitou-me ao chão.
- Porque é que ele estava a deambular no escuro?
- Exatamente a minha pergunta. Cervejas e a senhora G. Ele foi dormir para um dos quartos de hóspedes.
- Não sabia que ele estava cá.
- Ainda está — disse Mac. — O carro está estacionado em frente.
- Vou ver se ele está acordado. Quinze minutos, Mac.
- Chata. Quando é que eu liberto as minhas endorfinas? — perguntou Mac a Laurel. — Como vou saber quando isso acontecer?
- Como é que sabes quando tens um orgasmo?
- Sim? — Mac animou-se. — É igual?
- Infelizmente, não, mas o princípio do «saberás quando lá chegas» é idêntico. Vais tomar o pequeno-almoço aqui?
- Estou a pensar nisso. Acho que vou merecê-lo. Além disso, se ligar ao Carter para ele vir cá ter, ele pode convencer a senhora G. a fazer fatias douradas.
- Então faz isso. Tenho uma coisa para te mostrar.
- O quê?
- Só uma ideia.

Passava pouco das sete quando Laurel, vestida para o dia, bloco de desenho na mão, entrou na cozinha.

Ela tinha assumido que Del se teria ido embora, mas ali estava ele, encostado à bancada com uma caneca de café fumegante. Praticamente numa imagem invertida da postura, Carter Maguire estava encostado à bancada em frente.

Mas eram os dois tão diferentes. Mesmo de camisa rasgada e calças de ganga, Del projetava uma espécie de elegância masculina, enquanto Carter exsudava uma doçura encantadora. Não açúcarada, pensou ela. Ela teria odiado isso. Mas uma espécie de *simpatia* inata.

E apesar da atrapalhação de Del durante a noite, ele era ágil, atlético, enquanto Carter tendia para o desastrado.

Ainda assim, eram ambos tão incrivelmente queridos.

Obviamente, a tenaz senhora Grady não era imune. Ela estava ao fogão — as fatias douradas tinham vencido —, os seus olhos brilhantes, as faces um pouco coradas. *Feliz por ter os rapazes por perto*, pensou Laurel.

Parker chegou do terraço a enfiar o *BlackBerry* no bolso. Olhou para Laurel. — A noiva de sábado à noite. Nervos básicos. Tudo a correr sobre rodas. A Emma e o Jack vêm a caminho, senhora G.

— Bem, se vou cozinhar para um exército, é melhor alguns dos soldados sentarem-se. Tira os dedos desse bacon, rapaz, — advertiu ela Del, — até estares sentado à mesa como as pessoas civilizadas.

— Estava só a tentar adiantar-me um bocadinho. Eu tomo conta. Eh, Laurel, como está a cabeça?

— Ainda em cima dos ombros. — Ela pousou o bloco de desenho e pegou no jarro de sumo.

— Bom-dia. — Carter sorriu-lhe. — O que aconteceu à tua cabeça?

— O Del bateu com ela contra as escadas.

— Depois de ela me ter batido e rasgado a camisa.

— Porque estavas bêbedo e me atiraste ao chão.

— Eu não estava bêbedo, e tu caíste.

— Essa é a versão dele.

— Sentem-se e comportem-se — ordenou a senhora G. Virou-se quando Jack e Emma entraram. — Tem as mãos limpas? — perguntou ela a Jack.

— Sim, senhora.

— Então leve isto e sente-se.

Ele aceitou a travessa com fatias douradas e inalou profundamente o cheiro. — O que fez para os outros?

Ela riu-se e deu-lhe uma palmada.

— Eh — disse ele para Del.

Eram amigos desde a faculdade, e tão unidos como irmãos desde que Jack se havia instalado em Greenwich para abrir a sua firma de arquitetura. Assumiu o seu lugar no recanto do pequeno-almoço, lindo como uma estrela de cinema, com o seu cabelo loiro-escuro ondulado, olhos esfumados, sorriso rápido.

O facto de ele estar vestido de fato fez Laurel concluir que teria um encontro com um cliente no escritório, em vez de um compromisso numa obra.

— Tens a camisa rasgada — disse Jack a Del enquanto deitava a mão a uma fatia de bacon.

— Foi a Laurel.

Jack olhou para ela a oscilar as sobrancelhas. — Agressiva!

— Idiota.

Estavam a sorrir um para o outro quando Mac entrou. — Céus! É melhor que isto valha a pena. Vem cá. — Agarrou Carter e puxou-o contra si para um beijo sonoro. — Eu mereci isto.

— Estás toda... rosada — murmurou ele, e baixou a cabeça para a beijar novamente.

— Parem com esses disparates e sentem-se antes que a comida arrefeça. — A senhora G. deu-lhe uma leve palmada no braço quando levava a cafeteira do café para a mesa para servir as canecas.

Laurel sabia que a senhora G. estava no seu elemento. Tinha uma prole completa com quem ralhar e a quem dar ordens. Iria deleitar-se com o número e o barulho feito por eles, e quando se fartasse de ambos, expulsá-los-ia da sua cozinha. Ou recolher-se-ia nos seus aposentos para um pouco de paz e sossego.

Mas por enquanto, com os aromas do café, do bacon e da canela, com travessas a serem esvaziadas e pratos a serem enchidos, a senhora G. tinha as coisas exatamente como queria.

Laurel entendia a necessidade de alimentar, o desejo — até a paixão — de pôr comida diante de alguém e incitá-lo a comer. Era vida e conforto, autoridade e satisfação. E se se tivesse preparado a comida com as próprias mãos, com a própria arte, era — de um modo muito real — amor.

Ela achava que tinha aprendido um pouco sobre isso ali mesmo quando a senhora G. lhe havia ensinado como estender uma massa folhada, ou a amassar, ou a testar se um pão de forma estava cozinhado. Mais do que o essencial da cozinha, ela tinha aprendido que quando se punha um pouco de amor e de orgulho na mistura, a massa crescia mais.

— A cabeça está bem? — perguntou-lhe Del.

— Sim, mas não graças a ti. Porquê?

— Porque estás calada.

— Quem é que consegue dizer alguma coisa? — perguntou ela enquanto as conversas se cruzavam à mesa.

— Que tal uma questão profissional?

Ela olhou-o com cautela enquanto comia uma fatia dourada. — Tal como?

— Preciso de um bolo.

— Toda a gente precisa de um bolo, Del.

— Esse devia ser o teu slogan. A Dara vai regressar da licença de maternidade. Pensei em fazer uma pequena festa no escritório, para lhe dar as boas-vindas e felicitá-la pelo bebé e isso tudo.

Era uma coisa simpática de fazer pela sua auxiliar jurídica e uma atitude muito típica dele. — Quando?

— Ah, quinta-feira.

— Nesta quinta-feira? — Também muito típico dele, pensou ela. — Que tipo de bolo?

— Um bom.

— É o único tipo que eu faço. Dá-me uma pista. Quantas pessoas?

— Talvez vinte.

— Simples ou em camadas?

Ele lançou-lhe um olhar de súplica. — Ajuda-me, Laurel. Tu conheces a Dara. É como acares melhor.

— Ela é alérgica a alguma coisa?

— Não. Não me parece. — Ele voltou a encher-lhe a caneca de café um instante antes de ela pensar em fazê-lo. — Não precisa de ser espetacular. Só um bolo agradável para um lanche de escritório. Eu podia ir ao supermercado buscar um, mas... era isso que eu ia receber — disse ele, apontando para o olhar carrancudo dela. — Posso ir buscá-lo na quarta-feira a seguir ao trabalho, se arranjares tempo para isso.

— Vou arranjar tempo, porque gosto da Dara.

— Obrigado. — Estendeu a sua mão para dar uma palmadinha na dela. — Tenho de ir. Levo aquela papelada na quarta-feira — disse ele a Parker. — Informa-me acerca do resto quando te decidires.

Ele levantou-se e aproximou-se da senhora G. — Obrigado.

Deu-lhe primeiro um beijo rápido e descontraído na bochecha. Depois seguiu-se o abraço e era o abraço que derretia sempre o coração de Laurel. Um abraço forte, face encostada ao cabelo, olhos fechados, um ligeiro balanço. Os abraços de Del eram importantes, pensou ela, e tornavam-no irresistível.

— Finge que te portas bem — ordenou a senhora Grady.

— Isso consigo. Até breve. — Acenou ao resto do grupo e depois saiu pelas traseiras.

— Também é melhor eu ir andando. Senhora G., — disse Jack, — é a deusa da cozinha. A imperatriz da gastronomia.

Ela soltou uma enorme gargalhada. — Vá trabalhar.

— Já vou.

— Eu também tenho de começar. Vou contigo — disse Emma.

— Na verdade, gostava da tua opinião acerca de uma coisa que tenho aqui — disse Laurel a Emma antes de ela poder levantar-se.

— Então tenho direito a mais café. — Ela virou-se para ajeitar o nó da gravata de Jack e depois puxou-a até os seus lábios se encontrarem. — Adeus.

— Até logo à noite. Eu depois deixo aqueles projetos revistos, Parker.

— Quando quiseres.

— Querem que eu saia do caminho? — perguntou Carter depois de Jack ter saído.

— Podes ficar, e até comentar. — Laurel foi buscar rapidamente o blo-

co de desenho. — Ontem à noite tive uma ideia luminosa para o bolo de noiva.

— O meu bolo? O *nosso* bolo — corrigiu Mac rapidamente com um sorriso para Carter. — Quero ver, quero ver!

— A apresentação — disse Laurel com seriedade — é uma das palavras de ordem da pastelaria da Votos. Então, apesar de a inspiração para este projeto ter sido, em primeiro lugar, a noiva...

— Eu!

— Também toma em consideração o que a criadora vê como qualidades que tornam o noivo atraente para a dita noiva, e vice-versa. Por isso, penso que temos uma mistura do tradicional com o não-tradicional, tanto em forma como em sabor. Para além disto, a criadora conhece a noiva há mais de duas décadas e desenvolveu uma afeição profunda e sincera pelo noivo (e tudo isto entra no conceito), mas garantirá que quaisquer críticas ao dito conceito serão graciosamente aceites.

— Tretas. — Parker revirou os olhos. — Vais ficar fula se ela não gostar.

— Isso só é verdade porque se ela não gostar, é porque é uma idiota. O que significa que sou amiga de uma idiota há mais de duas décadas.

— Deixa-me lá ver o maldito desenho.

— Posso ajustar o tamanho assim que confirmares a tua lista de convidados. O conceito atual dá para duzentas pessoas. — Laurel abriu o bloco e levantou o esboço.

Ela não precisou de ouvir Mac suspender a respiração para saber. Viu tudo na expressão de estupefacto encanto no rosto dela.

— As cores estão bastante aproximadas do que eu faria, e percebe-se que eu gostaria de fazer uma variedade de bolos e de recheios. O teu creme italiano, e o de chocolate com framboesa, favorito do Carter, o amarelo, talvez com creme de pasteleiro. É apenas uma forma de executar a tua ideia do sortido de bolos.

— Se a Mac não gostar, eu fico com ele — anunciou Emma.

— Não tem a ver contigo. É da Mac, se ela quiser. As flores podem ser alteradas — acrescentou Laurel — para as que tu e a Emma decidirem para os teus buquês e arranjos, mas eu manteria a paleta de cores. Tu não tens a ver com cobertura branca, Mac. Tu és cor.

— Por favor, não o odeies — murmurou Mac a Carter.

— Como poderia? É maravilhoso. — Olhou para Laurel e dirigiu-lhe um sorriso lento e doce. — Além disso, ouvi falar em chocolate com framboesa. Se formos a votos, este tem o meu.

— O meu também — disse Emma.

— Acho que é melhor esconderes esse esboço. — Parker acenou com

a cabeça a Laurel. — Se os nossos clientes o virem, vamos ter noivas a lutar por aquele bolo. Acertaste à primeira, Laurel.

Mac levantou-se para se aproximar, para pegar no bloco e examinar o desenho. — A forma, as texturas, para não falar nas cores. Oh, oh, as fotografias que vamos tirar! Coisa que tomaste em consideração — acrescentou ela, cruzando o olhar com o de Laurel.

— É difícil pensar em ti sem pensar em fotografia.

— Adoro-o. Sabes que o adoro. Sabias que eu ia adorar. Tu conheces-me. — Abraçou-se a Laurel, apertou com força e depois fez uma pequena dança. — Obrigada, obrigada, obrigada.

— Deixem-me dar uma olhadela. — A senhora Grady tirou o bloco das mãos de Mac e examinou o desenho com olhos franzidos e lábios contraídos.

Depois anuiu com a cabeça e olhou para Laurel. — Linda menina. E agora, todos para fora da minha cozinha.

CAPÍTULO TRÊS



Na quarta-feira, Laurel fazia malabarismos com fornadas, provas, reuniões e sessões de desenho. O frigorífico e o congelador estavam a abarrotar de uma diversidade de recheios, glacês e camadas, meticulosamente etiquetados, que ela usaria para criar os bolos e as sobremesas para os eventos do fim de semana. E ainda tinha mais para fazer.

Com a TV da sua cozinha sintonizada no *The Philadelphia Story*, pelo sussurro de fundo e o estalido dos diálogos, ela acrescentou gemas de ovo, uma de cada vez, à mistura fofa de manteiga e açúcar dentro da tigela. O seu quadro exibia esboços ou fotos dos modelos daquela semana, e uma lista impressa das tarefas a realizar.

Depois de ter incorporado cada uma das gemas, ela acrescentou a mistura de farinha e de fermento que já tinha peneirado três vezes, alternando-a com o leite que já tinha medido.

Estava a bater claras com uma pitada de sal numa tigela à parte quando Mac entrou.

— Estou a trabalhar.
— Desculpa. Preciso de biscoitos. Por favor, dá-me biscoitos?
— A senhora G. não tem nenhum?
— Não são para comer. Quero dizer, não são para *eu* comer. Ainda que sejam biscoitos. Preciso de alguns para uma sessão fotográfica daqui a duas horas. Tive uma ideia e os biscoitos iam funcionar. A Emma dá-me as flores.

Laurel arqueou as sobrancelhas ao sorriso de súplica de Mac enquan-

to acrescentava um quarto das claras em castelo à mistura. — Que tipo de biscoitos?

— Não saberei até ver o que tens. Tens sempre biscoitos.

Resignada, Laurel acenou com a cabeça. — No frigorífico. Anota o que levas no quadro do inventário.

— Há outro quadro? Um quadro para os biscoitos?

Laurel começou a envolver as restantes claras. — Agora temos dois homens no nosso mundo. Eles são famosos por cravarem biscoitos.

Mac inclinou a cabeça e fez um pequeno beicinho. — Dás biscoitos ao Carter?

— Eu daria ao Carter o meu amor e devoção se não tivesses chegado antes, irmã. Por isso dou-lhe antes biscoitos. Ele vem cá quase todos os dias desde que as aulas acabaram, para trabalhar no livro.

— E, aparentemente, para comer biscoitos sem levar nenhum para partilhar em casa. Ah, a camada de chocolate — anunciou Mac com a cabeça e os ombros dentro do frigorífico. — Grande como a minha mão, tradicional, e vai dar umas belas fotografias. Vou levar meia dúzia, bem, sete, porque já estou a comer um.

Pegou numa das pequenas caixas de pastelaria para transporte enquanto Laurel vertia a massa em formas preparadas.

— Queres um? — Quando Laurel sacudiu a cabeça, Mac encolheu os ombros. — Nunca percebi como consegues resistir. A minha sessão de hoje são as tuas provas.

— Certo. Está anotado na lista.

— Adoro este filme. — Mac deu uma dentada num biscoito e depois desviou o olhar da TV para o quadro com os esboços. — Que modelo é este? Não está no meu bloco.

Laurel bateu com as formas em cima da bancada para rebentar quaisquer bolhas de ar. — É um modelo extra. — Transferiu as formas para o forno e marcou o tempo. — Para a auxiliar jurídica do Del. Ela vai regressar agora da licença de maternidade e ele vai oferecer um pequeno bolo e café para a receber.

— É simpático da parte dele.

— Fui eu quem fez o bolo.

— O que também é simpático, menina rezingona.

Laurel começou a resmungar mas depois conteve-se. — Merda. Sou mesmo rezingona. Se calhar é por causa da moratória sexual. Tem o seu lado positivo, mas também o inevitável lado negativo.

— Talvez precises de um amigo colorido. — Com ar solene, Mac apontou com o que restava do biscoito. — Alguém que possa simplesmente fazer saltar a rolha de vez em quando.

— É uma boa ideia. — Laurel tentou fazer um sorriso animado e empolgado. — Posso ficar com o Carter?

— Não. Nem mesmo para os biscoitos.

— Egoísta, é o que tu és. — Começou a limpar a bancada de trabalho. De seguida reparou que o item que se seguia na lista eram as flores cristalizadas para o bolo de sexta-feira.

— Devíamos ir às compras — decidiu Mac. — Devíamos ir todas comprar sapatos.

Laurel refletiu no assunto. — Sim. Os sapatos são um substituto viável para o sexo. Vamos agendar isso. Para breve. Ah, aqui está a mulher que consegue agendar qualquer coisa — disse ela quando Parker entrou a passos largos. — Mas ela está com aquela expressão de trabalho na cara.

— Ainda bem que a Mac também aqui está. Vou fazer chá.

Laurel e Mac entreolharam-se. — Uh-oh — murmurou Mac.

— Não é uh-oh. Não muito — especificou Parker.

— Não tenho tempo para coisas de pouca importância. Tenho de fazer um milhão de rosas-bebé cristalizadas e de violetas.

— Podes preparar isso enquanto eu trato do chá.

É *escusado protestar*, pensou Laurel e foi buscar as grelhas de arame, os tabuleiros de forno, as tigelas e os ingredientes.

— Mía Stowe, a noiva de janeiro? — começou Parker.

— Um grande e farto casamento grego — comentou Mac. — A mãe da noiva é grega, e os pais dela ainda vivem lá. Eles pretendem um grande, extravagante e tradicional casamento grego.

— Certo, exatamente. Muito bem. Parece que os avós decidiram, impulsivamente, fazer uma visita. A avó quer verificar alguns dos planos do casamento, já que aparentemente nunca perdoou completamente o genro por ter trazido a filha para os Estados Unidos, e não confia que nós, ou qualquer pessoa, consigamos realizar o tipo de casamento que ela quer.

— A avó quer — disse Laurel quando tirava do frigorífico as flores comestíveis que Emma lhe tinha providenciado.

— Uma vez mais, exatamente. A mãe da noiva está em pânico. A noiva anda às aranhas. A avó está a exigir uma festa de noivado... e, sim, eles estão noivos há seis meses, mas isso não demove a avó.

— Então eles que façam a festa. — Laurel encolheu os ombros e começou a aparar hastes.

— Ela quer fazê-la aqui para poder ver como trabalhamos, aprovar o local, os nossos serviços e por aí fora. E quer fazê-la na próxima semana.

— Na próxima semana? — balbuciam Mac e Laurel em uníssono.

— Não há vagas. Está tudo preenchido — salientou Laurel.

— Não na terça-feira à noite. Eu sei. — Parker levantou ambas as mãos num sinal de paz. — Acreditem em mim, eu sei. Acabei de passar quase uma hora ao telefone entre a histérica mãe da noiva e uma noiva que se sente apanhada no meio disto tudo. Nós conseguimos fazer isto. Já confirmei com a empresa de catering e consegui contratar uma banda. Telefonei para a Emma e ela vai tratar das flores. Eles querem uns retratos de família formais, e outros descontraídos. Mas os formais são os mais importantes — disse ela a Mac. — E algumas sobremesas tradicionais gregas, mais um bolo tipo casamento.

— Tipo casamento?!

Parker limitou-se a abrir as mãos perante a irritação no tom de voz de Laurel. — A noiva é firmemente contra uma reprodução do modelo que escolheu para a cerimónia de casamento. E é uma festa muito mais pequena. Cerca de setenta e cinco pessoas, mas eu contaria com cem. Ela disse que deixa o modelo e o sabor completamente ao teu critério.

— Que atencioso da parte dela.

— Ela está mesmo de pés e mãos atados, Laurel. Sinto pena dela. Eu trato do resto, mas preciso de vocês as duas a bordo. — Pousou uma chávena de chá em cima da bancada enquanto Laurel mergulhava uma flor em claras batidas com água. — Eu disse-lhe que, de qualquer forma, lhe ligava de volta depois de falar com as minhas sócias.

Laurel sacudiu a mistura de claras em excesso e secou o botão de rosa com uma folha de papel absorvente antes de o borrifar com açúcar superfino. — Tu contrataste a banda.

— Posso cancelar a banda. Todas por uma.

Laurel pousou a primeira flor sobre a grelha de arame. — Acho que vou fazer *baklava*. — Olhou de relance para Mac. — Alinhas?

— Vamos conseguir. Sei tudo sobre mães malucas. Quão diferente pode ser uma avó maluca? Vou acrescentar isso na minha agenda e falar com a Emma sobre as flores. Mostra-me o modelo do bolo quando o decidires.

— Obrigada, Mac.

— É o que fazemos — disse ela a Parker. — Tenho uma sessão fotográfica — acrescentou ela e esgueirou-se de novo.

Parker pegou na sua chávena de chá. — Posso chamar alguém para te ajudar se precisares. E sei que detestas isso, mas se precisares...

Laurel borrifou a flor seguinte. — Posso arranjar alguma coisa. Tenho camadas e recheios de emergência no congelador precisamente para ocasiões destas. Acho que vou fazer alguma coisa que consiga pôr os olhos da avó grega em bico... e calá-la. Talvez o Valsa Amarela.

— Oh, adoro. Mas, tanto quanto me recordo, é muito trabalhoso.

— Vai valer a pena. Tenho o chocolate derretido, e posso fazer as primulas com antecedência. A Mia tem duas irmãs mais novas, certo?

— Duas irmãs e um irmão. — O sorriso de Parker floresceu. — E, sim, ambas estamos a pensar plantar sementes fecundas para ocasiões futuras. Se elaborares uma lista, eu trato das compras.

— Combinado. Vai telefonar à mãe da noiva para receberes as lágrimas de gratidão dela.

— Vou sim. Eh, que tal noite de pijama e filme?

— A melhor proposta que tive o dia todo. Até logo.

Laurel continuou a revestir as flores e a pensar que os únicos encontros que tinha atualmente eram com a melhor amiga Parker.

Com as camadas prontas, embrulhadas e no congelador para assentarem, e as flores cristalizadas a secaram na grelha, Laurel preparou-se para a sessão de provas. Na sala de estar mesmo em frente da sua cozinha, colocou os álbuns de desenhos e as flores que Emma lhe tinha arranjado. Dispôs em leque os guardanapos com o logótipo da Votos, empilhou facas de sobremesa, colheres, chávenas de chá, copos de vinho e taças de champã.

De volta à cozinha, fatiou uma variedade de bolos em finos retângulos e dispôs-os numa travessa de vidro. Em pequenos pratos de vidro, colocou generosos pedaços de coberturas e recheios diferentes.

Deu uma fugida até à casa de banho para retocar a maquilhagem e o cabelo, depois abotoou uma jaqueta e trocou as socas por uns sapatos de salto alto.

Quando os clientes tocaram à campainha, estava pronta para os receber.

— Steph, Chuck, que bom revê-los. Como foi a sessão fotográfica? — perguntou ela enquanto lhes fazia sinal para que entrassem.

— Foi divertida. — Stephanie, uma morena alegre, deu o braço ao noivo. — Não foi divertida?

— Foi. Quando deixei de estar nervoso.

— Ele odeia que lhe tirem fotografias.

— Sinto-me sempre um pateta. — Chuck, de cabelos ruivos e tímido, baixou a cabeça ao sorrir. — Costumo ser.

— A Mac obrigou-me a dar-lhe um biscoito porque eu lhe tinha dito que tínhamos comido biscoitos no nosso primeiro encontro. Tínhamos oito anos de idade.

— Só que eu não sabia que era um encontro.

— Eu sabia. Agora, dezoito anos depois, tenho-te comigo.

— Bem, espero que tenham deixado espaço para bolo. Querem champanhe, ou vinho?

— Adorava um pouco de champanhe. Céus, adoro este lugar! — disse Steph com entusiasmo. — Adoro tudo aqui. Oh, é a tua cozinha? Onde fazes os bolos?

Ela fazia questão de passar com os clientes pela cozinha, para poderem inteirar-se dela... e vê-la a brilhar. — É, sim. Era originalmente utilizada como cozinha secundária ou para os serviços de catering. Agora é toda minha.

— É mesmo bonita. Eu gosto de cozinhar e tenho bastante jeito. Mas bolos... — Steph agitou a mão de um lado para o outro.

— É preciso prática e paciência.

— O que é isto? Oh, são tão bonitas!

— Flores cristalizadas. Acabei de as fazer. Têm de assentar durante várias horas à temperatura ambiente. — *Por favor, não lhes toques*, pensou Laurel.

— Podem comer-se?

— Claro que sim. Acho que é melhor não utilizar qualquer flor ou enfeite num bolo, se não for comestível.

— Talvez devêssemos fazer uma coisa parecida, Chuck. Flores verdadeiras.

— Tenho muitos modelos que as incorporam. E posso personalizá-los para vocês. Porque não entram e se sentam? Vou buscar-te o champanhe e começamos de seguida.

Era fácil quando os clientes estavam inclinados a ser agradados, como aqueles, decidiu Laurel. Pareciam adorar tudo, incluindo um ao outro. A tarefa mais complicada para si, constatou após os primeiros dez minutos, seria conduzi-los na direção do que os faria mais felizes.

— São todos deliciosos. — Steph espalhou um pouco de mousse de chocolate branco numa vagem de baunilha. — Como é que alguém consegue escolher?

— A melhor parte é que não há escolhas erradas. Tu gostas do sabor a moca — disse Laurel a Chuck.

— Do que é que não se gosta?

— É uma boa opção para um bolo de noivo e fica fabuloso com o *ganache* de chocolate. másculo — disse ela com uma piscadela de olho. — E este modelo assemelha-se a um coração entalhado numa árvore, com os vossos nomes e as datas escritos com fios de açúcar

— Oh, adoro! Gostas? — perguntou Steph ao noivo.

— É muito fixe. — Chuck inclinou a fotografia para ver melhor. — Não sabia que eu tinha direito a bolo.

— Tu é que decides. Não há escolhas erradas.

— Vamos a isso, Chuck. Ele pode ficar com o másculo e eu com um bolo de noiva completamente feminino.

— Combinado. Isto é o *ganache*, certo? — Ele provou e sorriu abertamente. — Oh, sim. Vendido.

— Iupi! Isto também é divertido. As pessoas estão sempre a dizer-nos que organizar um casamento é uma enorme dor de cabeça e que vamos discutir e irritarmo-nos. Mas estamos a divertir-nos imenso.

— Cabe a nós ter as dores de cabeça, brigar e irritarmo-nos.

Steph riu-se e levantou as mãos. — Diz-me o que achas. Acertaste em cheio com o Chuck.

— Ok. Casamento Dia dos Namorados. Porque não apostar no romance total? Bem, gostaste da ideia das flores cristalizadas, mas este modelo usa pasta de açúcar. Ainda assim, acho que é romântico, divertido e muito, muito feminino.

Laurel encontrou a fotografia no álbum e virou-a.

Steph levou as mãos à boca. — Oh, oh, uau!

Era decididamente, pensou Laurel, um uau. — Cinco andares em escada, separados por cavilhas de madeira para dar aquele ar aberto e arejado. E as cavilhas são cobertas com pétalas em pasta de açúcar, mais pétalas e botões a revestir o topo do bolo e a derramar-se para dar um aspeto de abundância. Estes são botões de hidrângea, — continuou Laurel, — mas posso fazer de qualquer flor. Pétalas de rosa, flores de cerejeira, o que quiserem. Em qualquer cor ou tonalidade. Eu costumo usar glacê real neste, alongando-o em cada camada para formar a coroa. Mas, uma vez mais, posso personalizar. Usando chocolate derretido para um aspeto mais luzidio, fazendo fitas ou pérolas, em branco ou na cor das flores.

— São as minhas cores, o azul e aquele lilás-alfazema. Tu sabias isso. Sabias isso e mostraste-me o bolo perfeito. — Steph soltou um suspiro reverente. — É tão lindo.

— Pois é — concordou Chuck. — Mas sabes que mais? É realmente encantador. Como a Steph.

— Oh, Chuck.

— Tenho de concordar. Se gostas deste estilo, podes escolher mais do que um sabor e mais do que um recheio.

— Não gosto deste estilo. Eu *adoro* este bolo. Este é o *meu* bolo. Podemos pôr mais alguma coisa no topo? As figuras dos noivos?

— Com certeza.

— Perfeito. Porque quero que estejamos no topo. Posso beber mais uma taça de champanhe?

— Claro que sim. — Laurel levantou-se para a servir.

— Não podes tomar uma também? Não estás autorizada?

Laurel olhou para trás e sorriu. — Eu sou a patroa e adorava tomar uma.

O champanhe e os clientes deixaram-na extremamente bem-disposta. E como não tinha mais nada marcado nesse dia, Laurel decidiu servir-se de uma segunda taça e preparar uma pequena travessa com fruta e queijo para acompanhar. Descontraída, sentou-se à sua bancada a bebericar, a morder e a fazer uma lista de provisões para dar a Parker.

Grego significava manteiga, manteiga, manteiga e montes de frutos secos. Ela teria de fazer massa filo — uma chatice, mas trabalho era trabalho. Mel, amêndoas, pistácios, nozes, farinha para pão.

Já que estava a tratar disto, não fazia mal listar também os ingredientes básicos e também aqueles que teria de encomendar em breve ao grossista.

— É este o tipo de trabalho que quero.

Ela ergueu os olhos e viu Del à porta. *Completamente em modo advogado*, pensou ela, com um fato feito à medida — cinzento-escuro com umas risquinhas subtis —, a gravata elegante com um nó Windsor executado na perfeição, a séria pasta de couro.

— Podes ficar com ele depois de teres estado dez horas de pé.

— Pode valer a pena. Aquele café é fresco?

— O suficiente.

Ele serviu-se. — A Parker disse que devias pensar numa coisa *sexy*, lamecha ou parva. O que quer que isso queira dizer.

O filme desta noite, concluiu Laurel. — Ok. Queres o teu bolo?

— Não há pressa. — Ele aproximou-se e usou a faca dela para espalhar *Camembert* numa tosta de rosmaninho. — Isto é bom. O que é o jantar?

— Estás a comê-lo.

Um ténue olhar carrancudo de reprovação toldou os olhos dele. — Tens de te alimentar melhor do que isto, especialmente depois de um dia de dez horas.

— Sim, papá.

Insensível ao sarcasmo dela, ele provou uma fatia de maçã. — Eu podia ter-te trazido alguma coisa, já que parte das dez horas é responsabilidade minha.

— Não tem importância, e se eu quisesse alguma coisa, podia fazê-la ou pedi-la à senhora G.

Apenas uma das meninas dele, pensou ela quando a frustração começou a fervilhar. — De alguma forma, nós, mulheres adultas, conseguimos chegar ao fim do dia sem que tu te intrometas nas nossas escolhas nutricionais.

— O champanhe devia pôr-te mais bem-disposta. — Ele inclinou a

cabeça para espreitar as listas dela. — Porque não fazes isso no computador?

— Porque estou a fazer à mão, porque não tenho impressora aqui em baixo e porque não me apeteceu. O que tens tu com isso?

Obviamente divertido, ele encostou-se à bancada e apoiou-se nos antebraços. — Precisas de uma sesta.

— E tu precisas de um cão.

— Preciso de um cão?

— Sim, para teres com quem te preocupar e intrometer e a quem dar ordens.

— Gosto de cães, mas tenho-te a ti. — Ele parou e riu-se. — E isto saiu mesmo mal. Além disso, «intrometer» é o que fazem as avós, por isso é um termo pouco correto. O meu dever é preocupar-me contigo, não só como teu advogado e sócio comanditário no negócio, mas porque és uma das minhas meninas. Quanto a dar-te ordens, isso só funciona cerca de metade das vezes, mas quinhentas é uma ótima média.

— És um sacana presunçoso, Delaney.

— Posso ser — concordou ele e provou o *Gouda*. — Tu és uma mulher temperamental, Laurel, mas eu não te censuro por isso.

— Sabes qual é o teu problema?

— Não.

— Precisamente. — Ela apontou-lhe um dedo enquanto descia do banco. — Vou buscar o teu bolo.

— Porque estás zangada comigo? — perguntou ele, seguindo-a até à câmara frigorífica.

— Não estou zangada, estou irritada. — Ela pegou no bolo que já tinha embalado para ele levar. Podia ter-se virado e largado a caixa nas mãos dele, mas, mesmo irritada, tinha cuidado com o seu trabalho.

— Ok, porque estás irritada?

— Porque estás no meu caminho.

Ele levantou as mãos num sinal de paz e desviou-se para o lado para ela poder passar e pousar o bolo na bancada. Ela levantou a tampa e apontou para a caixa.

Com cautela, porque já estava ele próprio a ficar bastante irritado, Del aproximou-se e espreitou para o interior. E não pôde deixar de sorrir.

As duas camadas redondas — andares, corrigiu ele — eram de um branco lustroso e estavam decoradas com símbolos coloridos da vida presente de Dana. Pastas, carrinhos de bebé, livros de Direito, rocas, cadeiras de baloiço e computadores portáteis. No centro, um engenhoso desenho representativo da recente mãe com uma pasta numa mão e um biberão na outra.

— Está fantástico. Perfeito. Ela vai adorar.

— A camada inferior é amarela, recheio de creme de manteiga. O topo é de chocolate com merengue suíço. Vê se o manténs direito.

— Ok. Muito obrigado.

Quando ele pegou na carteira, ela silvou. — Não vais pagar-me nada. Que diabo se passa contigo?!

— Eu só queria... E que diabo se passa contigo?!

— Que diabo se passa comigo? Eu digo-te que diabo se passa comigo. — Ela pôs-lhe uma mão no peito para o fazer recuar um passo. — És irritante, autoritário, arrogante e condescendente.

— Ui! E isso tudo porque queria pagar-te um bolo que te pedi para fazeres? Por amor de Deus, é o teu negócio! Tu fazes bolos e as pessoas pagam-te.

— Num minuto estás a intrometer-te, e sim o termo é «intrometer», porque não estou a comer o tipo de jantar que aprovas, e no seguinte estás a sacar da carteira como se eu fosse mão de obra contratada.

— Não foi isso... raios, Laurel!

— Como é que alguém consegue aguentar? — Ela levantou os braços. — Irmão mais velho, consultor jurídico, sócio, maldita mãe-galinha. Porque não escolhes só um?!

— Porque se aplica mais do que um. — Ele não gritou como ela, mas o tom de voz era igualmente efervescente. — E não sou mãe-galinha de ninguém.

— Então para de tentar administrar a vida de toda a gente.

— Não ouço mais ninguém queixar-se e ajudar-te a administrar faz parte do meu trabalho.

— Do ponto de vista jurídico, do ponto de vista do negócio, não do ponto de vista pessoal. Deixa-me dizer-te uma coisa e vê se consegues meter isto na cabeça de uma vez por todas. Não sou teu animal de estimação, não sou responsabilidade tua, não sou tua irmã, não sou tua menina. Sou adulta e livre para fazer o que quero, quando quero, sem ter de te pedir permissão nem a tua aprovação.

— E eu não sou o teu bode expiatório — ripostou ele. — Não sei o que te deu, mas podes dizer-me, ou então vai descarregar em cima de outro.

— Queres saber o que me deu?

— Sim, quero.

— Eu mostro-te.

Talvez tivesse sido o champanhe. Talvez tivesse sido apenas loucura. Ou talvez tivesse sido a expressão de desconcertante irritação no rosto dele. Mas ela seguiu o impulso que tinha estado latente dentro dela durante anos.

Agarrou-o pelo perfeito nó da elegante gravata, puxou-o para baixo enquanto lhe agarrava num punhado de cabelo e depois puxou-o para si.

E fixou a boca na dele num beijo escaldante e frustrado, que lhe abanou os sentidos enquanto a sua mente ronronava: *eu sabia!*

Ela desequilibrou-o — como pretendia — e as mãos dele agarraram-na pelas ancas e os dedos cravaram-se por um momento gloriosamente estonteante.

Ela abandonou-se a esse momento, para explorar, para saborear, para absorver. Sabores e texturas, calor e desejo, tudo ao seu dispor. Ela tomou exatamente o que queria e depois empurrou-o.

— Pronto. — Ela sacudiu o cabelo para trás enquanto ele a fitava. — O céu não caiu, o mundo não acabou, nenhum de nós foi atingido por um raio nem foi direito para o Inferno. Não sou a tua maldita irmã, Delaney. Devo ter deixado isso bem claro.

Ela saiu da cozinha a passos largos sem olhar para trás.

Excitado, estupefacto e ainda consideravelmente irritado, ele deixou-se ficar exatamente onde estava. — O que foi isto? Que diabo foi isto?

Começou a ir atrás dela e depois deteve-se. Aquilo não ia acabar bem, ou acabaria... Era melhor não pensar no assunto até conseguir pensar, ponto final.

Franziu o sobrolho para a meia taça de champanhe. Quanto teria ela bebido antes de ele ter entrado?, indagou-se. Então, porque tinha a garganta excepcionalmente seca, pegou na taça e emborcou o conteúdo restante.

Ele devia simplesmente ir para casa e esquecer tudo o que se passara. Atribuir todo o incidente a... alguma coisa. Ele descobriria a que atribuí-lo quando o cérebro recuperasse em pleno as suas funções.

Ele tinha ido ali só para ir buscar o bolo, só isso, lembrou a si próprio enquanto fechava cuidadosamente a tampa da caixa da pastelaria. Ela tinha discutido com ele e depois tinha-o beijado para tentar provar alguma coisa. Tinha sido apenas isso.

Iria simplesmente para casa e deixá-la-ia a remoer no que quer que fosse que estivesse a perturbá-la.

Pegou na caixa. Iria simplesmente para casa, admitiu, tomar um duche bastante longo e frio.

CAPÍTULO QUATRO



Ela tentou não remoer no assunto. Uma agenda desgastante de casamentos no verão ajudava-a a evitar pensar no que tinha feito, pelo menos quatro em cada cinco minutos. Mas também, grande parte do seu trabalho era solitário e dava-lhe demasiado tempo para pensar e para se perguntar como podia ter feito uma coisa tão incrivelmente estúpida.

Ele tinha merecido, claro. E há muito que estava a merecer. Mas quando se chegava ao cerne da questão, quem tinha ela castigado com aquele beijo senão a si própria?

Porque agora não era mera teoria, nem especulação. Agora ela sabia qual seria a sensação, como se sentiria se se entregasse — nem que fosse só por um minuto — a Del. Nunca mais conseguiria convencer-se que beijá-lo na realidade ficaria muito aquém de beijá-lo na sua imaginação.

Ela tinha pago para ver e tomado a iniciativa. Não havia como voltar atrás.

Se ao menos ele não a tivesse irritado tanto, pensou ela quando saía a correr para ir ajudar a preparar as coisas na breve brecha entre os dois eventos de sábado. O irritante Del, com os seus «Porque não fazes assim?», «Porque não estás a comer uma refeição decente?» e depois, ainda por cima, a sacar da sua carteira recheada como se...

E não era justo; ela tinha de admitir. Ela tinha aticado, provocado, espicaçado. Ela tinha estado preparada para brigar.

Montou a peça principal no gracioso andar superior do bolo branco e dourado a que chamava Sonhos Dourados. Considerava-o um dos seus

bolos mais extravagantes, com a sobressaia em camadas a imitar seda e as rosetas em espiral.

Também não era particularmente ao seu gosto, pensou, e colocou algumas rosetas adicionais em redor da base, espalhadas sobre a toalha de mesa com brilhos dourados. Provavelmente porque ela não era nem so-nhadora nem especialmente extravagante.

Ela era pragmática, isso sim, pensou. Exageradamente realista. Não era romântica como Emma, nem expansiva como Mac, nem otimista como Parker.

No fundo, ela lidava com fórmulas, não era? Podia fazer experiências com quantidades e ingredientes, mas no final tinha de aceitar que determinados componentes pura e simplesmente não se misturavam. Insistir em misturar o incompatível acabava por resultar numa mixórdia intragável. Quando tal acontecia, a única coisa a fazer era atribuir isso a um erro e seguir em frente.

— Lindo. — Depois de fazer uma rápida vistoria de aprovação ao bolo, Emma pousou o cesto. — Tenho as velas e as flores para a mesa. — Girou o pulso para inclinar o relógio antes de emitir um breve *ufa!* — Estamos dentro da hora. Está tudo decorado, no interior e no exterior, e a Mac já quase terminou as fotografias pré-cerimónia.

Laurel virou-se para olhar para o salão de baile, surpreendida por tanto ter sido feito enquanto ela remoía. Mais flores, mais velas ainda por acender, um pequeno número de mesas vestidas com o cintilante dourado e o azul de verão que a noiva tinha escolhido.

— E o Salão Grande?

— O serviço de catering está a dar os retoques finais, mas a minha equipa está pronta. — Emma ajeitou as velas compridas, as velas pequenas e as flores com as suas hábeis mãos de florista. — O Jack está a entreter os acompanhantes do noivo. É bom tê-lo a ajudar.

— Sim. Alguma vez te pareceu estranho?

— O quê?

— Tu e o Jack. Alguma vez deste por ti a achar estranho o facto de se conhecerem há anos, terem sido amigos e depois terem dado uma volta de cento e oitenta graus na vossa relação?

Emma recuou, depois avançou de novo para deslocar uma rosa alguns milímetros. — Às vezes ainda me surpreendo, mas é ainda mais assustador quando penso no que não teria acontecido se tivéssemos continuado em frente, em vez de termos dado essa reviravolta. — Empurrou um dos ganchos para manter a massa de caracóis controlada. — Não é estranho para ti, pois não?

— Não. Estava só a pensar se seria estranho não ser estranho. — Lau-

rel parou e abanou a cabeça. — Ignora-me. A minha cabeça não está bem. — Com algum alívio, ouviu o sinal de Parker no auricular. — Alerta dos dois minutos. Se não precisas de ajuda aqui, vou lá abaixo ajudar com o alinhamento.

— Não preciso. Vou já a seguir.

Laurel despiu o avental, soltou os cabelos, desceu apressadamente e chegou ao ponto de controlo com trinta segundos de avanço. Não era ao seu gosto, pensou novamente, mas tinha de admitir que a noiva sabia o que estava a fazer. Meia dúzia de damas de honor estavam alinhadas segundo instruções de Parker, cintilantes nos seus vestidos dourados com saia em balão e com os magníficos buquês que Emma tinha criado com dalias azuis e contrastantes rosas brancas. A noiva, uma verdadeira visão em seda lustrosa, pérolas brilhantes, lantejoulas cintilantes e a cauda formal, estava radiosa ao lado do pai, extremamente elegante de fraque e gravata branca.

— A mãe do noivo está a postos — murmurou Parker a Laurel. — A mãe da noiva está agora a ser acompanhada. Senhoras! Lembrem-se de sorrir. Caroline, estás espetacular.

— Sinto-me espetacular. É agora, papá — disse ela.

— Não me faças chorar. — Ele pegou na mão da filha e pressionou-a de encontro aos lábios.

Parker fez sinal para a mudança de música para que a orquestra de cordas que a noiva tinha escolhido desse início à música de entrada. — Número um, vai. Cabeça erguida! Sorri! Estás linda. E... número dois. Cabeças erguidas, senhoras.

Laurel alisava saias, ajustava auriculares e colocou-se finalmente ao lado de Parker para ver a noiva percorrer o caminho salpicado de flores.

— *Espetacular* é a palavra — decidiu Laurel. — Pensei que seria demasiado, quase a roçar o piroso. Mas fica uns elegantes centímetros aquém.

— Sim, mas posso garantir-te que vou ter todo o gosto em não ver ouro nem dourado durante um mês. Temos vinte minutos antes de precisarmos de deslocar os convidados para o salão principal.

— Vou roubar dez e dar uma caminhada. Preciso de fazer uma pausa.

Parker virou-se imediatamente. — Estás bem?

— Sim, só preciso de uma pausa.

Hora de clarear as ideias, pensou Laurel enquanto circundava o espaço. *Hora de me afastar das pessoas*. Os empregados deviam estar na cozinha naquele momento, a alimentarem-se antes de regressarem ao trabalho, por isso ela optou pelo caminho mais longo, passando pelos terraços e jardins laterais onde pudesse desfrutar do sossego e da abundância das flores de verão.

Emma tinha colocado urnas e vasos aqui e acolá para acrescentar a essa abundância, com lobélias extremamente azuis derramando-se, ou amores-perfeitos encantadoramente rosados dançando. A linda casa vitoriana estava vestida para o casamento, com as dalias azuis e as rosas brancas preferidas da noiva a alegrarem o pórtico de entrada e os pedaços de tule e renda a acrescentarem romance.

A seu ver, mesmo sem eles, a casa era romântica. O azul suave e subtil ornado com branco cremoso e amarelo-claro. As linhas de telhado e os bonitos pormenores cor de gengibre traziam esse romance, e um toque de extravagância, à seriedade. Tinha sido uma segunda casa para si desde que tinha memória. Agora, claro, era a sua casa. E essa encantadora casa ficava muito perto da casa da piscina e da casa de hóspedes onde as amigas viviam e trabalhavam.

Ela não era capaz de imaginar as coisas de forma diferente, mesmo com Carter e Jack agora a viverem lá, mesmo com o anexo ao estúdio de Mac quase concluído, para o transformar numa casa para dois.

Não, ela não era capaz de imaginar a sua vida sem a propriedade, a casa, o negócio que tinha construído com as amigas e, bem, a comunidade que tinham ali construído entre si.

Ela tinha de pensar nisso, admitiu Laurel; tinha de pensar no porquê de ter o que tinha.

Devido ao esforço do seu trabalho, certamente, e ao esforço do trabalho das amigas. A visão de Parker. O cheque que a senhora G. lhe havia dado naquele dia, tantos anos antes — e a fé que tinha tido tanto valor como o dinheiro —, tinha-lhe aberto a porta.

Mas isso não era tudo.

A casa, a propriedade, e tudo o que estas continham, tinham ficado para Parker e Del quando os pais haviam falecido. Del tinha também dado um salto no escuro, tão vital e essencial como dera a senhora G. quando lhe havia passado aquele cheque.

Aquela era a casa dele, refletiu Laurel, afastando-se para examinar as linhas, a elegância, a beleza da casa. Mas ele tinha-a cedido a Parker. Havia pormenores legais, modelos de negócio, projeções, percentagens, contratos — mas a questão principal mantinha-se.

A irmã dele... não, as quatro, a que ele gostava de chamar Quarteto, tinham querido uma coisa, tinham pedido e ele tinha dado. Ele tinha acreditado nelas e tinha-as ajudado a transformar um sonho em realidade. Não tinha sido por causa de percentagens nem com projeções em mente. Ele tinha-o feito porque as amava.

— Raios. — Irritada consigo própria, passou uma mão pelos cabelos. Ela odiava saber que tinha sido injusta, antipática e francamente estúpida.

Del não merecia as coisas que lhe tinha dito — e ela tinha-as dito porque era mais fácil estar chateada com ele do que sentir-se atraída por ele. E, no final, tinha-o beijado? Estúpida era pouco.

Agora tinha de reparar o que fizera e salvar a sua dignidade. E isso não ia ser canja.

Mas tinha sido ela a passar das marcas e era ela quem tinha sentimentos que tinham de ser resolvidos. Então era ela quem tinha de consertar as coisas.

Ouviu Parker dar instruções para que fosse acesa a vela da união e que se desse início ao solo vocal. *O tempo acabou*, disse para si própria. Pensaria mais tarde como tratar do concerto.

Como não confiava em mais ninguém para cortar adequadamente o complicado modelo, Laurel abançou na mesa do bolo. Esperou que a noiva e o noivo cortassem a primeira fatia cerimonial — onde os havia instruído — e dessem de comer um ao outro enquanto Mac capturava o momento. Então, enquanto a música e a dança prosseguiam, ela assumiu o comando.

Com uma faca de *chef*, separou as decorações laterais.

— Raios, isso parece errado.

Ela olhou para Jack no momento em que começava a cortar e a transferir o bolo para travessas. — É suposto comer-se.

— Eu olho para uma coisa destas e penso, se fosse eu a construí-lo, teria de estar bem longe quando fosse demolido. E ainda era capaz de ter de secar algumas lágrimas.

— É doloroso nas primeiras vezes, mas também não é como construir uma casa. Não se faz isso sabendo que uma bola demolidora vai acabar por deitá-la abaixo. Queres um bocado?

— Podes crer.

— Espera até enchermos as primeiras travessas. — O que, concluiu ela, lhe daria algum espaço para o sondar. — Então, o Del não vem jogar contigo esta noite?

— Acho que ele tem um compromisso qualquer.

Com uma mulher, calculava ela. Mas não era da sua conta e não era isso que interessava.

— Acho que ultimamente devem andar os dois demasiado ocupados para saírem.

— Na verdade, jantámos juntos na quinta-feira.

Depois do «Beijo», pensou ela. — Então, e novidades, o que se diz por aí? — Ela fez um sorriso rápido, tentando ler-lhe o rosto.

— Os Yankees estão a ter um bom mês — disse ele, e sorriu-lhe também.

Nenhum embaraço, concluiu ela, nenhum sorriso afetado. Não conseguia decidir se devia sentir-se insultada ou aliviada por Del não ter comentado o incidente com o melhor amigo.

— Toma. — Ela entregou-lhe uma generosa fatia de bolo.

— Obrigado. — Ele provou. — És um génio.

— É bem verdade. — Satisfeita por já ter cortado doses suficientes, ela serpenteou por entre os convidados para verificar a mesa das sobremesas e o bolo de noivo.

A música retumbava e a pista de dança estava apinhada. Com as portas do terraço escancaradas para a noite tranquila, convidados dançavam ou reuniam-se também no exterior.

Parker aproximou-se furtivamente dela. — Para tua informação, o bolo é um enorme sucesso.

— É bom saber. — Laurel verificou a mesa de sobremesas mais próxima e decidiu que o que havia duraria provavelmente até à última dança. — Eh, aquela é a mãe da noiva? — Ela acenou com a cabeça em direção à pista de dança.

— Ela era profissional. Dançava na Broadway.

— Dá para ver.

— Foi assim que ela e o pai da noiva se conheceram. Ele era financiador, entrou para ver um ensaio e, diz ele, apaixonou-se por ela à primeira vista. Ela dançou até ao nascimento do segundo filho e alguns anos depois começou a dar aulas particulares.

— Que encanto. Mas, a sério, como te lembras disso tudo?

Parker continuava a perscrutar a sala, com olhos de lince, em busca de algum problema. — Da mesma forma que tu te lembras de todos os ingredientes daquele bolo ali. A noiva e o noivo pediram mais uma hora.

— Ui.

— Eu sei, mas está toda a gente a divertir-se. A banda não se importa. Vamos transferir as lembranças como agendado, por isso fica despachado. Depois, que diabo, eles que dancem.

— Vai ser uma noite longa. — Ela fez nova avaliação das sobremesas. — Vou buscar mais alguns bolinhos.

— Precisas de ajuda?

— Provavelmente.

— Vou dar uma apitadela à Emma. Ela e o Carter devem estar livres. Eu mando-os lá abaixo.

...

Quase à uma da manhã, enquanto a equipa de limpeza se concentrava no salão de baile, Laurel concluiu a verificação da suite da noiva. Reuniu ganchos de cabelo esquecidos, um sapato perdido, um estojo de maquilhagem de couro cor-de-rosa e um sutiã rendado. O sutiã podia ser indício de uma rapidinha durante a receção, ou da necessidade de uma convidada de libertar as suas maminhas.

Os objetos iriam para a caixa de perdidos e achados de Parker até serem reclamados — sem ser feita qualquer pergunta.

Quando os levava lá para fora, Parker apareceu. — Parece que está tudo. Eu levo isso. Rápida reunião com o pessoal.

Todos os músculos do corpo de Laurel se queixaram em protesto. — Esta noite?

— É rápida. Tenho uma garrafa de champanhe aberta quase cheia para matar a dor.

— Ok, tudo bem.

— Na nossa sala. Daqui a uns minutos.

Não me serve de nada queixar-me, pensou Laurel, e desceu até à sala de estar para reclamar o sofá. Estendeu-se. Gemeu.

— Eu sabia que ias chegar primeiro. — Como não podia reclamar o sofá, Mac deitou-se no chão. — O padrinho de casamento tentou engatar-me. O Carter achou engraçado.

— Sinal de que é um homem confiante.

— Acho que sim. Mas a questão é que, antes do Carter, eu raramente era assediada em eventos. Não me parece correto. Não estou disponível.

— Daí o engate. — Com um suspiro em vez de gemido, Laurel descalçou os sapatos. — Acho que os homens têm um radar interno para isso. Indisponível é mais *sexy*.

— Porque são uns canalhas.

— Sim, claro.

— Eu ouvi isso — disse Emma ao entrar. — E acho que isso é cínico e falso. Fizeram-se a ti porque és linda e porque, agora que tens o Carter, és mais feliz e mais extrovertida. Por conseguinte, mais atraente. — Ela deixou-se cair numa cadeira e encolheu as pernas. — Quero ir para a cama.

— Junta-te ao grupo. Temos de nos reunir amanhã para o ensaio de domingo. Porque é que isto não pode esperar?

— Porque... — Parker entrou e apontou para Laurel. — ...tenho uma coisa que vai fazer todas irem dormir um pouco mais felizes. — Tirou um envelope do bolso. — O pai da noiva deu-nos um bónus. Embora eu, evidentemente, tenha objetado educada e delicadamente, ele não aceitou não como resposta. Ah! — acrescentou ela quando se libertou dos sapatos. — Nós proporcionámos à sua menina o casamento dos sonhos dela, propor-

cionámos uma noite extraordinária a ele e à esposa e ele quis demonstrar a sua gratidão.

— Que bom. — Mac bocejou. — A sério.

— São cinco mil dólares. — Parker sorriu quando Laurel se endireitou no sofá. — Dinheiro vivo — acrescentou ela, tirando as notas para as agitar.

— É uma gratidão muito agradável. Tão, tão verde — comentou Laurel.

— Posso tocar-lhes antes de o guardares? — perguntou Mac. — Antes de o reaplicares no negócio?

— O meu voto é ficar com o dinheiro. Talvez esteja simplesmente extremamente cansada, mas é o meu voto. Mil para cada uma e mil para o Carter e o Jack dividirem. — Parker acenou com as notas. — A decisão é vossa.

— Voto a favor. — Emma levantou abruptamente uma mão. — Fundos para o meu casamento!

— Apoiado. Passa para cá — ordenou Mac.

— Não discuto. — Laurel agitou os dedos. — Mil dólares fazem sempre jeito.

— Então está bem. — Parker entregou a Laurel a garrafa de champanhe aberta. — Serve isto que eu conto o dinheiro. — Ajoelhou-se no chão.

— Isto é muito, muito agradável. Champanhe e dinheiro no fim de um dia realmente longo. — Mac aceitou uma taça e passou-a a Emma. — Lembram-se do nosso primeiro evento oficial? No final, abrimos uma garrafa, comemos o bolo que sobrou e dançámos. Nós as quatro e o Del.

— Eu beijei o Del.

— Todas nós beijámos o Del — frisou Emma e bateu levemente com a sua taça na de Mac.

— Não, quero dizer que o beijei no outro dia. — Laurel ouviu-se a dizer as palavras com algum choque e depois com considerável alívio. — Sou incrivelmente estúpida.

— Porquê? É só... — Mac pestanejou, entendendo. — Oh. *Beijaste* o Del. Bem. Eh.

— Eu estava chateada, e mal-humorada, e ele veio buscar o bolo. Ele estava tão tipicamente *Del!* — disse ela com um rancor que pensava já lhe ter passado.

— Eu já me chateei com o Del — comentou Emma. — Isso não fez com que o beijasse.

— Não é nada de mais. Não para ele. Ele nem sequer se deu ao trabalho de contar ao Jack. O que significa que não significou nada. Não contes ao Jack — ordenou ela a Emma. — Porque ele devia ter contado e não contou, por isso não significou nada. Menos que nada.

— Tu só nos contaste agora.

Laurel olhou carrancudamente para Mac. — Porque eu... tinha de pensar no assunto.

— Mas significou alguma coisa para ti — murmurou Parker.

— Não sei. Foi um impulso, um momento de loucura. Eu estava furiosa. Não estou apaixonada por ele, nada disso. Oh, merda — resmungou e baixou a cabeça entre as mãos.

— Ele correspondeu ao beijo? Então? — reclamou Mac quando Emma lhe deu um pontapé. — É uma pergunta.

— Não o repudiou. Mas ele não estava à espera. Eu não estava à espreita. Foi sobretudo exasperação.

— O que disse ele? Não me dê mais nenhum pontapé — avisou Mac a Emma.

— Nada. Não lhe dei hipótese. Eu vou reparar isto — prometeu ela a Parker. — A culpa foi minha, embora ele estivesse a ser irritante e condescendente. Não fiques chateada.

— Não estou chateada, não com isso. Estou a perguntar-me como posso ter sido tão distraída. Conheço-te tão bem, como posso não ter sentido, nem visto, nem percebido que gostas do Del?

— Não gosto. Ok, gosto, mas não anseio por ele dia e noite. É uma coisa que vem e vai. Como uma alergia. Só que em vez de me fazer espirrar, faz-me sentir uma idiota. — Uma sensação de angústia subiu-lhe da barriga até à voz. — Eu sei o quão chegados vocês são. É ótimo que sejam tão chegados, mas por favor não lhe digas que eu disse estas coisas. Eu não ia dizer nada, mas escapou-me. Aparentemente, tenho um problema em controlar os impulsos.

— Não lhe vou dizer nada.

— Que bom. Que bom. Não foi nada, a sério. Apenas lábios.

— Nada de línguas? — Mac fugiu do alcance de Emma e de seguida curvou-se ao receber um olhar carrancudo. — O que foi? Estou interessada. Estamos todas interessadas, ou não estaríamos aqui à uma da manhã, com cinco mil em dinheiro em cima da mesa, a falar do assunto.

— Tens razão — decidiu Laurel. — Não devíamos estar a falar no assunto. Só o abordei no interesse da transparência total. Agora já podemos esquecê-lo, pegar no nosso dinheiro de bónus e ir para a cama. Na verdade, agora que revelei, não sei porque é que estava a fazer um bicho de sete cabeças. Não foi nada.

Ela fez um gesto largo; demasiado largo, constatou, e baixou novamente as mãos. — É evidente que não foi nada e o Del não está certamente a perder o sono por causa disso. Ele não disse nada ao Jack nem a ti. Certo? — perguntou ela a Parker.

— Não falo com ele desde o início da semana, mas não. Não, não me disse nada.

— Olhem para mim. — Ela conseguiu dar uma pequena gargalhada. — Até parece que estou na secundária. Eu não fazia isto quando andava na secundária. Vou parar agora. Vou pegar no meu dinheiro e vou para a cama.

Laurel pegou numa das pilhas que Parker tinha estado a contar. — Então, não voltemos a pensar nisto, ok? Sejamos simplesmente... normais. Está tudo... normal. Então, boa-noite.

Após a apressada retirada, as suas três amigas entreolharam-se.

— Isto não é nada normal — disse Mac.

— Não é *anormal*. É apenas diferente. — Emma pousou o copo e pegou no dinheiro. — E ela está embaraçada. Devíamos esquecer o assunto para ela não se sentir desconfortável. Podemos esquecê-lo?

— A questão é mais se ela consegue — disse Parker. — Acho que em breve descobriremos.

Parker esqueceu o assunto — por um certo tempo. Ignorou-o durante o evento de domingo e deu espaço à amiga nessa noite. Mas, na segunda-feira, conseguiu disponibilizar uma hora da sua agenda quando soube que Laurel iria estar presa na cozinha a tratar dos preparativos para a festa de última hora.

Quando entrou e viu Laurel a esticar massa filo, soube que tinha calculado o *timing* na perfeição.

— Trouxe-te um par de mãos extra.

— Tenho tudo controlado.

— A maior parte deste capricho grego caiu em cima de ti. Mãos. — Levantou as dela. — Podem ir limpando o que sujais. — Avançou para ir buscar tigelas vazias. — Podíamos arranjar-te uma assistente de cozinha.

— Não quero nenhuma assistente de cozinha. As assistentes metem-se debaixo dos nossos pés. E é exatamente por causa disso que tu não tens uma.

— Estou a considerar isso. — Parker começou a encher a máquina de lavar louça. — Talvez encontrar alguém para treinar, para fazer algum do trabalho de campo.

— Está para vir o dia.

— Temos de decidir se queremos continuar como estamos, ou se queremos pensar em expandir. Expandir significa irmos precisar de assistentes. Podíamos realizar mais eventos durante a semana se contratássemos mais pessoal.

Laurel fez uma pausa. — É isso que queres?

— Não sei. É apenas algo em que penso de vez em quando. Às vezes acho que nem pensar. Outras vezes acho que talvez. Seria uma grande mudança, uma viragem. Teríamos empregados em vez de apenas subcontratados. Estamos bem como estamos. Na verdade, estamos ótimas. Mas, por vezes, uma mudança abre outros caminhos.

— Não sei se nós... Espera aí. — Os olhos de Laurel semicerraram-se nas costas de Parker. — Estás a usar isto como metáfora, ou uma indireta, ou ambas, para o que se passou com o Del.

As duas conheciam-se demasiado bem, pensou Parker. — Talvez. Precisei de tempo para pensar no assunto, e depois para me obcecar com a ideia do que aconteceria se tu e o Del se entendessem, e depois para me obcecar com o que aconteceria se tal não acontecesse.

— E?

— Inconclusivo. — Parker virou-se para trás. — Adoro ambos e isso não vai mudar. E, por mais que eu seja o centro do universo, isto não tem (nem teria) a ver comigo. Mas seria uma viragem.

— Eu não estou a virar. Vês? Estou quieta no mesmo sítio. Firme, nada de viragens.

— Já está feito, Laurel.

— E eu virei outra vez — insistiu Laurel. — Voltei precisamente ao ponto de partida. Credo, Parks, foi só um beijo!

— Se fosse só um beijo, ter-me-ias contado logo e terias gozado com o assunto. — Fez uma pausa, apenas um momento, para dar a Laurel a oportunidade de argumentar. Sabendo que ela não conseguia. — Ficaste preocupada, o que significa que foi mais do que isso.

— Claro que eu me preocupo com ele. — Atrapalhada, Laurel levantou o rolo da massa e acenou-o. — Todas nós nos preocupamos com o Del. E, tudo bem, isso é parte do problema. Ou desta confusão. É mais uma confusão do que um problema. — Ela continuou a esticar a massa até ficar fina como papel. — Todas nós nos preocupamos com o Del, o Del preocupa-se connosco. Às vezes preocupa-se ao ponto de eu querer dar-lhe um soco num olho, especialmente quando nos aglomera a todas. Como se fôssemos um corpo com quatro cabeças.

— Às vezes...

— Sim, eu sei, às vezes somos mesmo. Mas é frustrante ser parte de um aglomerado e saber que ele me vê como alguém de quem tem de cuidar. Não quero que cuidem de mim.

— Ele não o consegue evitar.

— Também sei isso. — Ela ergueu os olhos e intercetou-os com os de Parker. — Aumenta a frustração. Ele anda nervoso, eu ando nervosa, e o problema... a *confusão*. Prefiro *confusão* a problema.

- Então é confusão.
- A confusão é da minha inteira responsabilidade. E deve ser estranho para ti ouvir-me a falar assim.
- Um bocadinho. Estou a tentar lidar com isso.
- Não que eu esteja perdida de amores, ou esteja completamente apaixonada, ou nada embaraçoso assim. É apenas uma. . .
- Confusão.
- Sim, é isso. E visto que fiz o que fiz, estou já a tentar resolvê-la.
- Ele beija assim tão mal?

Laurel dirigiu-lhe um olhar suave enquanto pegava na tigela do recheio. — Eu tomei a iniciativa e agora que já não estou envergonhada, sinto-me melhor. Foi algo que aconteceu no calor da discussão e a culpa foi minha. Maioritariamente minha. Ele não devia ter tentado pagar-me o bolo. Foi a gota de água quando eu já estava a fazer piafés. Tu não tentarias pagar o maldito bolo.

— Não. — Mas Parker levantou um dedo. — Então, deixa-me ver se entendi. Não queres que ele te meta no mesmo saco, por assim dizer, mas também não queres que ele se ofereça para pagar o teu trabalho, porque isso é insultuoso.

- Tinhas de estar lá.
- Podemos esquecer que ele é meu irmão por um minuto?
- Não tenho a certeza.
- Vamos tentar. — Para manter a conversa descontraída, Parker encostou-se à bancada. — Tu sentes-te atraída por ele. Vocês são ambas pessoas interessantes, descomprometidas e atraentes. Porque não havias de te sentir?

- Porque é o Del.
- Que mal tem o Del?
- Nada. Vês? Isto é estranho. — Agarrou na garrafa de água e tornou a pousá-la sem ter bebido. — Não tem lógica, Parker, e não é algo que possas resolver por mim. Vamos ficar bem. . . isto é, o Del e eu. Eu já ultrapassei isto e duvido que ele tenha perdido tempo a pensar no assunto. Agora, vai-te embora para eu conseguir concentrar-me nesta *baklava*.

- Está bem. Mas dizes-me se houver alguma coisa para dizer.
- Não digo sempre?

Até agora, pensou Parker, mas não acrescentou mais nada.

CAPÍTULO CINCO



Crescer numa casa dominada por mulheres provia Del com determinadas bases pelas quais se reger. Uma, que ele achava ser aplicável naquele momento, decretava que se um homem não entendia o que se estava a passar, e a falta de entendimento significava sarilhos, uma certa distância era recomendável.

Ele achava que a mesma regra era também aplicável em... relações pessoais homem/mulher, o que era também estranhamente adequado, dadas as circunstâncias.

Ele mantivera-se distanciado de Laurel, e apesar de isso não o ter levado a nenhum entendimento extraordinário, só podia esperar que esse distanciamento lhe tivesse dado espaço para acalmar.

Del não se importava de brigar. Por um lado, as discussões mantinham as coisas animadas e, por outro, muitas vezes desanuviavam o ambiente. Mas ele gostava de saber as regras do combate. Neste caso, ele não fazia a mais pequena ideia.

Estava habituado ao mau génio dela, que via como humores agitados. E ela atacá-lo já não era novidade.

Mas beijá-lo estupidamente? Isso era novidade total. Ele não era capaz de parar de pensar nisso, e pensar nisso não o tinha ajudado a chegar a qualquer conclusão.

O que o deixava tremendamente irritado.

Conclusões, soluções, alternativas, compromissos — faziam parte do

seu ofício. E, no que dizia respeito àquele puzzle tão pessoal, ele não era capaz de encontrar as peças-chave.

Apesar disso, não podia propriamente manter-se afastado indefinidamente. Não só gostava de passar por lá quando tinha oportunidade, como os negócios que tinha com Parker e com a empresa exigiam atenção.

Uma semana era espaço de tempo suficiente para acalmar as coisas, decidiu. Iriam ter simplesmente de lidar um com o outro. De uma forma ou de outra. E fá-lo-iam, claro. Não era nada de mais. Nada disso, disse para si próprio quando dobrou a curva para o longo caminho de entrada da propriedade. Tinham apenas tido uma discussão — com elementos incomuns. Ela tinha querido fazer valer um ponto de vista. De alguma forma, ele tinha entendido. Ele tinha tendência a pensar nela — em todas elas — como sua responsabilidade, e isso chateava-a.

Ela teria de ficar chateada porque elas eram de facto sua responsabilidade. Ele era irmão de Parker, era o advogado delas. E devido a circunstâncias que nenhum deles podia controlar ou mudar, era o chefe de família.

Mas podia ser mais subtil no que tocava a arcar com a responsabilidade.

Embora ele não se intrometesse propriamente no negócio dela a cada cinco minutos.

Contudo... Contudo, disse para si mesmo, podia tentar refrear-se um bocado. Não podia argumentar o facto de ela ter conseguido provar o seu ponto de vista. Ela não era sua irmã. Mas isso não queria dizer que não fizesse parte da sua família e, que diabo, ele tinha todo o direito de...

Para, ordenou a si próprio. Não iam chegar a lado nenhum se se aproximasse dela já a querer discutir. Era melhor aguentar os cavalos e deixá-la tomar a iniciativa.

Assim poderia puxá-la de volta ao ponto inicial. *Com subtilidade*, recordou a si mesmo.

De onde raio tinham vindo aqueles carros todos?, indagou-se. Era noite de terça-feira, e ele não estava a lembrar-se de haver alguma coisa marcada na agenda da Votos. Mudou de direção para ir estacionar ao lado do estúdio de Mac, saiu e olhou carrancudamente para a casa. Não havia dúvida de que estava a decorrer um evento. Ele podia ver o trabalho manual de Emma em sumptuosos arranjos em redor do pórtico e ouvir — até à distância — a barulheira e as vozes de uma festa em curso.

Por um momento, deixou-se simplesmente ficar onde estava a observar. Luzes brilhavam nas janelas, transformando a casa numa festa de boas-vindas. Hospitalidade com um toque de elegância. Sempre tinha sido assim. Os seus pais haviam adorado receber — pequenas reuniões íntimas,

grandes festas de arromba. Ele calculava que Parker tivesse herdado naturalmente o talento deles nesse aspeto. Contudo, quando ele chegava inesperadamente a casa — e ainda era sua casa —, sentia aquela angústia, aquela tristeza pungente pelo que havia perdido. Pelo que todos haviam perdido.

Subiu o carreiro e contornou a casa, decidindo entrar pela porta lateral de fácil acesso à cozinha principal.

Esperara encontrar a senhora Grady, atarefada ao fogão, mas uma luz solitária iluminava a cozinha vazia. Ele aproximou-se da janela e observou alguns dos convidados que se tinham reunido no terraço e que deambulavam pelo jardim.

Descontraídos, em casa, impressionados, avaliou ele. Realizar um evento com essas qualidades era mais uma das capacidades de Parker, ou da mistura do Quarteto combinado.

Viu Emma e algum do pessoal do serviço de catering que reconheceu a transportar atoalhados e flores. Um ajuste de última hora, presumiu, e viu-os pôr uma mesa. Rápidos, eficientes, reparou, com Emma a conversar descontraidamente com alguns dos convidados. Toda sorrisos e simpatia — assim era Emma. Ninguém adivinharia que a sua cabeça estava já às voltas com a próxima tarefa.

Emma e Jack, pensou. Isso é que era um ajuste de última hora para ele. O seu melhor amigo e umas das suas meninas. Quando pensava nisto, Jack apareceu com um tabuleiro de velas pequenas. A ajudar, pensou Del, como todos faziam de tempos a tempos. Mas era diferente, pensou. E ocorreu-lhe que, desde que Emma e Jack se tinha tornado «Emma e Jack», aquela era a primeira vez que os observava sem que eles dessem por isso.

Os olhares que eles trocavam, sim, eram diferentes. A forma como Jack roçou uma mão pelo braço dela, descontraída e íntima, era como um homem fazia quando precisava simplesmente de tocar o que amava.

O que havia entre eles era algo bom, decidiu. E ele ia acabar por se habituar a isso.

Entretanto, ele estava ali, havia uma festa. Bem podia ir até ao salão de baile e ajudar também.

Tinha cozinhado como uma louca, pensou Laurel, e havia poucas coisas mais satisfatórias do que ver esse trabalho devorado. Agora que o bolo tinha sido cortado, pratos de sobremesa servidos, ela deixou o serviço para o pessoal do catering e parou por instantes para recuperar o fôlego. A música fluía e aqueles que não se aglomeravam em redor das mesas das sobremesas tiravam proveito. Mais algumas dezenas reuniam-se às mesas, a maioria ainda a emborcar *ouzo*.

Opa!

Que bom, que bom, pensou ela, tudo controlado. E a altura perfeita para se esgueirar por cinco minutos e descalçar os sapatos. Enquanto se dirigia para a porta, deu uma vista de olhos em busca de algum potencial problema.

— Menina McBane?

Estava tão perto, pensou ela, mas virou-se e colocou o seu sorriso profissional. — Sim, em que posso ajudá-lo?

— Nick Pelacinos. — Estendeu-lhe uma mão. — Primo da futura noiva.

E bastante atraente, pensou ela, apertando-lhe a mão. Um deus grego, todo bronzeado, com olhos âmbar e queixo fendido. — É um prazer conhecê-lo. Espero que esteja a divertir-se.

— Seria um tolo se não estivesse. Vocês organizaram uma festa de arromba. Eu sei que deve estar ocupada, mas a minha avó gostaria de lhe dar uma palavrinha. Ela está ali a conversar com os súbditos.

Apontou para a mesa principal, cheia de pessoas, bebidas, comida, flores — e inquestionavelmente dominada pela matriarca de cabelo grisalho e olhos penetrantes.

A avó, pensou Laurel.

— Claro. — Ela acompanhou-o, indagando-se se deveria fazer sinal a Parker a pedir reforços.

— Normalmente, ela e o meu avô só vêm aos Estados Unidos uma vez por ano ou a cada dois anos — disse-lhe Nick. — Habitualmente exigem que sejamos nós a ir visitá-los, por isso esta viagem é um grande acontecimento para a família.

— Entendo.

— E eu soube que você e as suas sócias conseguiram organizar isto tudo em menos de uma semana. Que feito... a sério. Eu ajudo a gerir os restaurantes da família em Nova Iorque, por isso calculo bem o trabalho que isto deu.

Ela recordou rapidamente o resumo que Parker tinha feito da família. — Papá's. Comi no que fica no West Side.

— Tem de lá voltar e avise-me quando for. O jantar é por minha conta. Yaya, trouxe-te a Menina McBane.

A mulher inclinou a cabeça com um ligeiríssimo trejeito régio. — Estou a ver.

— Menina McBane, a minha avó, Maria Pelacinos.

— Stephanos. — Maria bateu suavemente com a mão no braço do homem sentado ao seu lado. — Deixa a rapariga sentar-se.

— Por favor, não se incomode... — começou Laurel.

— Levanta-te, levanta-te. — Ela enxotou o homem e apontou para a cadeira. — Aqui, ao meu lado.

Nunca discutas com um cliente, lembrou Laurel a si própria, e sentou-se no lugar vago.

— *Ouzo* — exigiu a mulher, e quase instantaneamente um copo foi depositado na sua mão. Ela pousou-o em frente de Laurel.

— Brindemos à sua *baklava*. — Levantou o próprio copo e olhou para Laurel arqueando uma sobancelha imperial. Sem ter muita hipótese, Laurel pegou no seu copo, preparou-se e bebeu. Depois, conhecendo o procedimento, pousou novamente o copo com uma pancada. — Opa.

Recebeu uma salva de palmas e um aceno de cabeça aprovador de Maria. — Você tem um dom. É preciso mais do que mãos e ingredientes para fazer comida bem feita. É preciso uma cabeça boa e um coração aberto. A sua família é grega?

— Não, senhora.

— Ah. — Ela desvalorizou o facto com um gesto de mão. — Toda a gente tem família grega. Vou dar-lhe a minha receita do pudim de sêmola e você vai fazê-lo para o casamento da minha neta.

— Gostava muito de a ter, obrigada.

— Acho que você é uma boa rapariga. Por isso, dance com o meu neto. Nick, dança com a rapariga.

— Na verdade, preciso de...

— É uma festa. Dance! Este é um bom rapaz, bonito. Tem um bom trabalho e não é casado.

— Bem, nesse caso — disse Laurel, e Maria riu-se.

— Dance, dance. A vida é mais curta do que pensa.

— Ela não aceita não como resposta. — Nick estendeu-lhe de novo uma mão.

Uma dança, pensou Laurel. Os seus pés doridos podiam aguentar uma dança. E ela queria realmente aquela receita.

Deixou Nick conduzi-la à pista de dança quando a banda começou a tocar uma música lenta e tranquila.

— Pode não parecer, — começou ele quando a tomou nos braços, — mas a minha avó fez-lhe um enorme elogio. Ela provou um bocadinho de tudo o que você fez e está convencida de que você é grega. De outro modo, você não poderia ter feito sobremesas tradicionais gregas com tanta perícia. E... — Ele fê-la girar com estilo. — Você e as suas sócias evitaram uma enorme discussão familiar. Conseguir a aprovação dela para este local não foi fácil.

— E se a Yaya não está contente...

— Exatamente. Vai muitas vezes a Nova Iorque?

— De vez em quando... — Os saltos dos sapatos dela elevavam-na praticamente à altura dele. Um equilíbrio agradável para dançar, decidiu. — O negócio mantém-nos muito próximas de casa. Consigo deve passar-se o mesmo. Eu trabalhei em restaurantes quando andava a estudar e antes de arrancarmos com o negócio. É uma área exigente.

— Crises seguidas de drama seguido de caos. Contudo, a Yaya tem razão. A vida é mais curta do que se pensa. Se eu lhe ligasse um dia destes, talvez pudéssemos ambos afastar-nos do trabalho.

Moratória de encontros, lembrou a si mesma. Mas... Talvez fosse boa ideia acabar com isso para conseguir parar de pensar em Del. — Talvez pudéssemos.

A dança terminou e, com fanfarra e aplausos, a banda seguiu para a tradicional roda grega. Laurel começou a recuar, mas Nick não lhe largou a mão.

— Não pode perder isto.

— Na verdade, posso. Além do mais, só a vi em eventos, nunca a dançei.

— Não se preocupe, eu conduzo-a.

Antes que ela tivesse tempo de inventar outra desculpa, outra pessoa agarrou-lhe na mão livre e ela viu-se integrada no círculo.

Que se lixe, decidiu. Era uma festa.

Del chegou durante a dança lenta e procurou automaticamente Parker. Ou disso queria convencer-se. Quase instantaneamente, viu Laurel. A dançar. Com quem estava ela a dançar? Ela não devia estar a dançar com um tipo que ele não conhecia... Devia estar a trabalhar.

Teria levado companhia? A avaliar pela forma como se moviam, e pelo modo como ela sorria para o maldito sujeito, os dois pareciam conhecer-se.

— Del, não estava à espera que viesses esta noite. — Parker aproximou-se dele a passos largos e beijou-lhe a face.

— Passei só por aqui para... Quem é aquele?

— Quem?

— Com a Laurel. A dançar.

Confusa, Parker olhou e localizou Laurel no meio da multidão. — Não tenho a certeza.

— Não veio com ela?

— Não. É um dos convidados. Estamos a dar uma espécie de recepção pós-noivado e pré-nupcial. Uma longa história.

— Desde quando é que vocês dançam nos vossos eventos?

— Depende das circunstâncias. — Ela olhou para Del e disse impercetivelmente «Hum...», debaixo do som da música e das vozes. — Ficam bem juntos.

Ele limitou-se a encolher os ombros e a enfiar as mãos nos bolsos. — Não é inteligente da tua parte encorajares convidados a atirarem-se a você.

— *Encorajar* é uma palavra discutível. De qualquer forma, a Laurel sabe cuidar de si mesma. Oh, adoro a dança tradicional deles — acrescentou quando a música mudou. — É tão alegre. Olha para a Laurel! Ela apanhou-lhe o jeito.

— Ela sempre foi boa de pés — resmungou Del.

Ela estava a rir-se e, aparentemente, não estava a ter qualquer problema com o movimento dos pés nem com o ritmo. Ela parecia diferente, pensou ele. Em quê, não era capaz de dizer. Não, não era isso; ele é que estava a olhar para ela de maneira diferente. Estava a olhar para ela através daquele beijo. As coisas tinham mudado — e a mudança deixava-o desconfortável.

— Tenho de ir fazer outra ronda.

— O quê?

— Preciso de ir fazer outra ronda — repetiu Parker, inclinando a cabeça para o observar mais atentamente.

Ele uniu as sobrancelhas. — O que foi? Porque estás a olhar para mim dessa maneira?

— Por nada. Podes misturar-te, se quiseres. Ninguém aqui se vai importar. E se quiseres comer alguma coisa para além da sobremesa, podes ir até à cozinha.

Ele começou a dizer que não queria nada, mas constatou que não era verdade. Ele não sabia o que queria. — Talvez. Estou só de passagem. Não sabia que estavam todas a trabalhar esta noite. Ou a maioria — corrigiu ele quando Laurel passou por ele a rodar.

— Foi uma coisa de última hora. Falta ainda cerca de uma hora. Podes ir para a sala de estar, se quiseres, e esperar por mim.

— Se calhar, vou andando.

— Bem, se mudares de ideia, vejo-te mais logo.

Ele decidiu que queria uma cerveja, e se queria uma sem a obrigação de dar uma ajuda, teria de ir buscá-la à cozinha principal em vez de aos bares do evento.

Devia simplesmente ir para casa beber uma cerveja, disse para si mesmo quando começou a descer as escadas. Mas ele não queria ir para casa, não quando estava a pensar em Laurel a dançar como se ela tivesse nascido em Corfu. Ele iria simplesmente buscar uma cerveja, depois procurar Jack e ficar por ali uma hora. Carter também devia andar por

ali algures. Beberia uma cerveja e procuraria os dois para se distrair um pouco com amigos.

Homens.

A melhor forma de esquecer as mulheres era sentar-se a beber uma cerveja com homens.

Voltou à cozinha principal e encontrou uma *Sam Adams* fresca no frigorífico. *Exatamente o que o médico prescreveu*, decidiu. Depois de a abrir, olhou outra vez pela janela para ver se conseguia localizar algum dos amigos. Mas no terraço, agora iluminado com velas e luzes coloridas, aglomeravam-se estranhos.

Bebericou a cerveja e começou a matutar. Por que diabo estaria tão inquieto? Havia uma dezena de coisas que podia estar a fazer em vez de estar ali numa cozinha vazia a beber cerveja e a olhar para estranhos através da janela.

Devia ir para casa pôr algum trabalho em dia. Ou que se lixasse o trabalho e veria antes um pouco de ESPN. Já era demasiado tarde para convidar alguém para sair, para jantar e copos — e a chatice era que não lhe apetecia estar sozinho.

De sapatos nas mãos, os pés cansados silenciosos, Laurel entrou na cozinha. Estar sozinha era precisamente o que procurava. Em vez disso, viu Del à janela com ar do homem mais solitário do mundo.

O que não encaixava, ela sabia. Ela nunca pensava em Del como solitário. Ele conhecia toda a gente e tinha uma vida tão plena de pessoas que ela muitas vezes se indagava sobre o porquê de ele não fugir para algum lugar para ter um momento de solidão.

Mas agora ele parecia totalmente sozinho, completamente afastado e silenciosamente triste.

Parte dela queria ir ter com ele, abraçá-lo e consolá-lo de modo a afastar o que quer que lhe tivesse colocado aquela expressão no rosto. Em vez disso, entrou em modo sobrevivência e começou a recuar para fora da cozinha.

Ele virou-se e viu-a.

— Desculpa. Não sabia que estavas aqui. Precisas da Parker?

— Não. Estive com a Parker lá em cima. — Ele ergueu as sobranceiras ao vê-la descalça. — Acho que aquela dança toda é dura para os pés.

— Hum? Oh... Não dancei assim tanto, mas quando se aproxima o fim do dia, é cumulativo. — Como ele estava ali, e ela também, Laurel decidiu resolver as coisas e pedir desculpas. — Só tenho uns minutos, mas como estás aqui, queria dizer que na outra noite passei das marcas. Não devia ter-te atacado daquela maneira. — *Má escolha de palavras*, pensou ela. — Compreendo que sintas um certo sentido de... dever — decidiu ela,

embora a palavra quisesse colar-se-lhe à garganta. — Quem me dera que não sentisses isso, e não consigo evitar ficar irritada, tal como tu não consegues evitar senti-lo. Por isso é inútil brigar por causa disso.

— Uh-huh.

— Se é o melhor que consegues, vou considerar que são águas passadas.

Ele levantou um dedo enquanto bebia mais um gole de cerveja. E a observava. — Não exatamente. Estou a perguntar-me por que motivo a tua irritação terá assumido a forma particular que assumiu.

— Olha, tu estavas a ter o teu comportamento típico e isso irritou-me, por isso eu disse algumas coisas que não devia ter dito. Como as pessoas fazem quando estão irritadas.

— Não estou a falar tanto do que disseste, mas do que fizeste.

— Faz tudo parte de um todo. Eu estava furiosa; desculpa. É pegar ou largar. — Ele sorriu e ela sentiu um calor de exasperação na barriga.

— Já tinhas estado furiosa comigo outras vezes. Nunca me beijaste daquela maneira.

— É como os meus pés.

— Desculpa?

— É cumulativo. É irritante quando te armas em sabichão e, como isso já dura há anos, a irritação foi-se acumulando e... Foi para perceberes onde eu queria chegar.

— Onde querias chegar? Acho que não percebi.

— Não sei porque estás a fazer disto um bicho de sete cabeças. — Ela sentiu a exasperação aumentar, exatamente como o calor do embaraço nas faces. — Somos adultos. Foi apenas um beijo, e uma alternativa não violenta a dar-te um soco na boca. Que agora preferia ter feito.

— Ok. Para sermos claros. Estavas irritada comigo. Disseste que a irritação se foi acumulando ao longo dos anos. E as tuas ações foram uma alternativa a socares-me na cara. É mais ou menos isto?

— Sim, senhor advogado, está bastante aproximado. Queres que vá buscar uma Bíblia e que jure sobre ela? Credo, Del!

Ela dirigiu-se ao frigorífico e abriu-o para tirar uma garrafa de água. Provavelmente, era capaz de se lembrar de um homem que a irritava mais, mas, naquele momento, Delaney Brown encimava a lista. Com um furioso movimento de pulso, ela desatarraxou a tampa da garrafa enquanto se virava. E chocou contra ele.

— Para com isso. — Ela não lhe teria chamado pânico, mas o seu mau génio assumiu uma outra vertente.

— Tu é que abriste a porta. Também a metafórica. — Ele apontou para o frigorífico aberto. — Aposto que agora também estás irritada.

— Sim, agora estou irritada.

— Bom. Como estamos em sintonia e eu sei como funciona...

Agarrou-a pelos ombros e puxou-a até ela ficar em bicos de pés. — Nem penses... — Foi o máximo que ela conseguiu dizer até o seu cérebro paralisar.

O calor, boca contra boca, contrastava com o ar frio que lhe bafejava as costas. Ela sentia-se aprisionada entre o gelo e o fogo, incapaz de se mover em qualquer direção enquanto ele a mantinha equilibrada naquela estreita e instável fronteira.

Então as mãos dele deslizaram para baixo, encontraram a cintura dela e o beijo suavizou para uma sensualidade lenta e fundente. O corpo dela amoleceu e a mente ficou inebriada quando ele a puxou apenas mais um pouco contra si.

O som que ele ouvia, um ronronar suave e baixo na garganta dela, não lhe indicava fúria, mas rendição. A surpresa que ela era abriu-se como um presente guardado durante anos. Ele queria desfolhar cuidadosa e minuciosamente aquelas camadas e descobrir mais.

Ela mexeu-se, esticou-se, e a água fria dentro da garrafa salpicou ambos. Ele desencostou-se um pouco, olhou para a sua camisa molhada e para a dela também. — Ups.

Os olhos dela, aturdidos e escuros, pestanejaram. No momento em que ele sorriu, ela afastou-se atrapalhadamente. Apontou com a garrafa num movimento suficientemente brusco para entornar mais água. — Ok, ok. Então... estamos empatados. Tenho de voltar. Tenho mesmo. — Começaram a limpar a camisa molhada. — Droga.

Laurel virou-se e fugiu dali.

— Eh! Esqueceste-te dos sapatos. Bem... — Del fechou o frigorífico e pegou na cerveja que tinha pousado em cima da bancada.

Engraçado, pensou ele ao encostar-se à bancada na cozinha silenciosa. Sentia-se melhor. Na verdade, sentia-se mesmo muito bem.

Olhou atentamente para os sapatos que ela tinha deixado no chão. *Sexy*, pensou, especialmente quando conjugados com o fato profissional que ela tinha vestido. E perguntou-se se teria sido uma combinação propositada, ou um impulso.

E não era um bocadinho estranho estar a pensar nos sapatos dela? Mas, já que estava... Divertido, abriu a gaveta para tirar um bloco de apontamentos.

Estavam empatados?, pensou ele enquanto rabiscava uma mensagem. Ele não estava interessado em empates.

...

De manhã, Laurel optou por nadar um pouco em vez de ir treinar no ginásio. Disse para si mesma que só queria uma mudança, mas teve de admitir que a mudança tornava possível evitar Parker até decidir o que dizer. Ou se diria alguma coisa.

Provavelmente o melhor era esquecer o assunto, disse para si mesma quando deu novo impulso com os pés na lateral da piscina para mais um circuito. Na verdade, não havia nada a dizer. O caráter competitivo de Del era desmedido. Ela tinha-o beijado, por isso ele tinha-a beijado também. Em dobro. Ele era assim. Ele tinha decidido colocá-la no lugar dela... era mesmo típico dele.

E aquele sorriso? Deu um impulso ainda maior para mais um circuito. Aquele estúpido e presunçoso sorriso de superioridade? Isso também era mesmo típico dele. Idiota. Era ridículo acreditar que sentia alguma coisa por ele. Ela tinha simplesmente perdido a cabeça por um minuto. Ou por quase uma década. Mas quem estava a contar?, perguntou-se. Ela estava de volta. Estava ótima. Situação normal.

Quando chegou de novo à borda da piscina, fechou os olhos e deixou-se afundar. Depois das braçadas difíceis, a sensação de ausência de peso era perfeita. Apenas à deriva, pensou, tal como estava na sua vida pessoal. E isso não fazia mal; na verdade, até era bom. Ela não precisava de forma, função e estrutura em todas as áreas da vida.

Era bom ser livre para fazer o que queria quando terminava o dia de trabalho, ou, como naquele momento, antes de este começar. Ninguém a quem dar explicações, a não ser a si própria. Ela não precisava de ter tudo organizado. Nem sequer queria que isso acontecesse. Del — ou a confusão com Del — era apenas um solavanco na estrada. Agora já estava tudo aplaidado, pensou. Tudo melhor.

Alisou o cabelo para trás ao alcançar a escada. Depois gritou quando Parker lhe apareceu à frente com uma toalha.

— Céus, assustaste-me! Não sabia que estavas aqui.

— Já somos duas assustadas. Por um momento pensei que tivesse de saltar para ir buscar-te.

Laurel aceitou a toalha. — Estava só à deriva. Uma mudança de ritmo depois da aceleração dos últimos dias. Eu acho que não andamos suficientemente à deriva.

— Ok, vou incluir isso na lista.

A rir, Laurel enrolou a toalha à volta da cintura. — Eras bem capaz disso. Estás vestida. Que horas são?

— Quase oito. Presumo que tenhas estado à deriva um bom bocado.

— Acho que sim. Noite agitada.

— Pois foi. Viste o Del?
— Porquê? Sim, mas porquê?
— Porque ele esteve cá e por durante um bocado te teres ausentado do teu posto sem licença.

— Eu não me ausentei do meu posto, comandante. Fiz apenas uma pequena pausa.

— É trocaste de camisa.

Algo próximo de culpa começou a subir-lhe pelas costas. — Entornei-lhe uma coisa em cima. O que é isto?

— Curiosidade. — Parker estendeu-lhe um envelope. — Isto estava em cima da bancada da cozinha. A senhora G. deu-mo para te entregar.

— Bem, porque não disseste logo... Oh. — Laurel parou quando reconheceu a letra de Del.

— Não queres saber o que diz? Eu quero. — Parker estava imóvel, a bloquear-lhe a passagem e a sorrir alegremente. — A coisa educada a fazer seria eu regressar lá para dentro, dar-te privacidade enquanto lês isso. Mas, pura e simplesmente, não sou assim tão madura.

— Não é nada. Tudo bem. — Sentindo-se tola, Laurel abriu o envelope.

Podes estar a pensar que isto acabou, mas estarias errada. Fiz os teus sapatos reféns. Contacta-me dentro de quarenta e oito horas, ou os Prada é que vão pagar.

Laurel emitiu um som preso entre uma gargalhada e um palavrão enquanto Parker lia por cima do seu ombro.

— Ele levou-te os sapatos?

— Aparentemente. O que devo eu fazer acerca disto? — Laurel aceitou com o bilhete. — Estou à deriva. Eu decidi que queria ir com a corrente e agora ele está a brincar comigo. Acabei de comprar aqueles sapatos.

— Como é que ele ficou com os teus sapatos?

— Não foi nada disso. Eu tirei-os, e ele estava lá e eu deixei-os depois de... Nada. Foi uma espécie de olho por olho, dente por dente.

Parker anuiu com a cabeça. — O teu olho, ou o dente dele?

— Nada disso, mente imunda. Eu pedi desculpas por ter descarregado em cima dele, mas isso não é suficiente para o Del e ele começou a interrogar-me. Uma coisa levou a outra no frigorífico. É difícil explicar.

— Obviamente.

— Ele está só a armar-se em esperto. Bem pode ficar com os malditos sapatos.

— A sério? — De olhos plácidos, Parker sorriu. — Porque isso para

mim, e provavelmente para ele, queria dizer que tens medo de lidar com a questão. Com ele. Com as duas coisas.

— Não tenho medo... e não me venhas com essa. — Laurel tirou a toalha para a esfregar violentamente no cabelo. — Só não quero agitar nada.

— Porque é difícil andar à deriva quando as coisas estão agitadas.

— Sim. Seja como for, tenho outros sapatos. Tenho sapatos melhores. Não vou dar-lhe a satisfação de me conseguir arrastar para este joguinho parvo.

Parker sorriu novamente. — Os rapazes são tão inúteis.

Laurel revirou os olhos. — Ele é teu irmão — resmungou e regressou a passos largos para dentro de casa.

— Sim, pois é. — E ela perguntava-se quanto tempo demoraria a melhor amiga a ceder. — Mais de vinte e quatro, — decidiu Parker, — menos de quarenta e oito.

O *BlackBerry* dentro do seu bolso começou a tocar. Ela olhou de relance para o ecrã enquanto atravessava calmamente o relvado. — Bom-dia, Sybil. Em que posso ajudá-la?